

## Comunidades Eclesiais de Base e Evangelização dos Pobres\*

Há momentos e situações na história da Igreja em que o Evangelho volta a ser ouvido e acolhido como a Boa-nova do Reino, em sua novidade original. O Evangelho mostra, então, sua força de libertação e de salvação dando luz aos olhos cegos, abrindo os ouvidos surdos, desatando as línguas mudas, sacudindo e convertendo as consciências e os corações. Tudo isto acontece quando "os pobres são evangelizados" (Lc 7, 22). Quando a Boa-nova é anunciada pura, livre e destemidamente aos pobres, ela acende neles o fogo da esperança, transforma suas vidas. É o que está acontecendo em milhares de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) espalhadas por todo o Brasil. O Evangelho, inserindo-se na realidade concreta de suas vidas, leva essas comunidades a criar novas formas de vida, a inventar, caminhando juntos, os caminhos novos de comunidades abertas, comprometidas e fraternais.

As CEBs estão sendo, de fato, lugares, focos e veículos de evangelização, como havia sido constatado já pelo Sínodo de Medellín (Documento sobre a Pastoral de Conjunto, n.º 10); nelas se realiza o

que Paulo VI na sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), de 8 de dezembro de 1975, afirma ser "sua vocação mais fundamental": "de ouvintes do Evangelho que lhes é anunciado e de destinatárias privilegiadas da evangelização", tornar-se "sem tardança anunciadoras do Evangelho" (EN 58). Isto não é mais um optativo nem um mero imperativo. É já realidade. Estamos convencidos que as CEBs no Brasil são hoje lugares e focos de evangelização porque são, na sua imensa maioria, comunidades de pobres. Nelas e através delas "os pobres são evangelizados": acolhem em suas vidas o Evangelho como a Boa-nova do Reino de Deus e o traduzem em realidades de libertação. Julgamos este fato prenhe de significado teológico e chamado a pesar decisivamente na hora de tomar opções prioritárias com respeito aos destinatários e aos meios da evangelização.

É sobre este fato que vamos refletir teologicamente no presente estudo. Depois de uma primeira parte em que se recorda brevemente como se colocou o problema da relação entre o mistério dos pobres, o mistério de Cristo e o mistério da Igreja no Concílio Vaticano II (I), procura-se mostrar, com dados tirados dos relatórios das mesmas comunidades, a situação de pobreza e até de miséria dos cristãos que deles fazem parte (II). Ver-se-á que os membros das CEBs aqui estudadas vivem, tanto no interior como nas periferias das cidades, em condições extremas de despojamento e de abandono econômico e social. É importante estender-se na exposição destes dados para poder compreender melhor depois, por contraste, a força do Evangelho que esses pobres marginalizados acolhem e vivem como Boa-nova de libertação. Na terceira parte (III), depois de dois números dedicados respectivamente à análise da terminologia bíblica sobre os pobres e ao estudo do fundamento bíblico do "privilégio dos pobres", confronta-se sucessivamente o Evangelho segundo Lucas, segundo Mateus e segundo Paulo com as experiências de vivência evangélica das CEBs. Na quarta parte (IV), é apresentada uma série de "sinais" que mostram como se realiza concretamente nas CEBs a Boa-nova da vinda do Reino anunciada por Jesus aos pobres. A última parte (V) aborda *uma* das conclusões de todo o estudo precedente: os pobres das CEBs evangelizam a Igreja.

---

\* Este trabalho é um capítulo do tema mais amplo: "Comunidades Eclesiais de Base e Evangelização", que está sendo elaborado dentro do atual programa do Instituto Nacional de Pastoral. Os dados do presente estudo, referentes às CEBs, estão tomados quase exclusivamente dos relatórios enviados para o I e II Encontro Inter-ecclesial de Comunidades Eclesiais de Base e publicados nos n.ºs 81, 95 e 96 da revista SEDOC.

## I. CONCÍLIO VATICANO II, EVANGELIZAÇÃO DOS POBRES E CEBs

Por ocasião do Concílio Vaticano II refletiu-se, discutiu-se e escreveu-se muito sobre a Igreja e a pobreza, sobre a Igreja dos pobres, sobre a evangelização dos pobres, sobre o mistério dos pobres e sua relação com o mistério de Cristo e da Igreja.<sup>1</sup> Duas intervenções catalizaram as aspirações e reflexões dos Padres conciliares sobre este tema: a mensagem radiofônica do papa João XXIII, exatamente um mês antes da abertura do Concílio, e a intervenção do Cardeal Lercaro na aula conciliar no fim do primeiro período.

Na sua mensagem de 11 de setembro João XXIII afirmava: "Em face dos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta tal como é e quer ser: a Igreja de todos e, particularmente a Igreja dos pobres".<sup>2</sup> Estas palavras, tomadas literalmente, são verdadeiras mais como afirmação de direito do que como constatação de fato.<sup>3</sup> Da Igreja atual, sociológica e globalmente considerada, haveria que dizer, alterando a afirmação de João XXIII, que ela é a Igreja de todos, mas especialmente dos ricos.<sup>4</sup> A afirmação do papa é mais verdadeira como optativo e imperativo (o que a Igreja quer e deve ser) do que como indicativo (o que ela é). -Neste sentido foram de fato entendidas suas palavras e alcançaram um extraordinário eco não só dentro mas também fora do Concílio. "A Igreja de Cristo nos dois últimos séculos, escrevia G. Hourdin comentando as palavras do papa, aparece a muitos como sendo reservada para algumas dezenas de milhões de ricos e brancos". Desde que se deu a revolução industrial e científica, "os fiéis da Igreja são na maioria burgueses ricos ou homens do campo conservadores de raça branca que defenderam seus interesses temporais com o nome da Igreja". "O que esperamos dos Padres reunidos em concílio, termina dizendo G. Hourdin, é que eles digam em termos claros o que disse João XXIII; que imponham a todos o dever de partilhar seus bens e de se colocarem coletivamente ao lado daqueles que têm fome e sede... Nós esperamos isto deles e nada

---

1. Assinalamos como representativas as três obras seguintes: Y. CONGAR, *Pour une Eglise servante et pauvre*, Paris 1963 (trad. port.: *Igreja serve e pobre*, Lisboa 1964); P. GAUTHIER, *Consolez mon Peuple*, Paris 1964 (trad. port.: *O Concílio e a Igreja dos pobres*, Petrópolis 1967); *Eglise et pauvreté* (Coll. "Unam Sanctam", 67), Paris 1965.

2. AAS 54 (1962) 682.

3. Paulo VI é mais exato quando afirma que os pobres estão ligados à Igreja por direito evangélico. Cf. P. GAUTHIER, *op. cit.*, p. 26. Citamos segundo a tradução portuguesa.

4. O grande escândalo da Igreja do século XIX: a perda do mundo operário que constituía o mundo dos pobres na nova sociedade industrial que nascia no Ocidente, continua existindo.

mais, porque nada mais é de igual importância".<sup>5</sup> Na mesma linha expressava-se R. Laurentin: "Para muitos bispos, um dos maiores problemas do Concílio está em que a Igreja torne a ser em grande escala, a Igreja dos pobres".<sup>6</sup>

O cardeal Lercaro, na sua célebre intervenção de 6 de dezembro de 1962,<sup>7</sup> criticava os esquemas sobre a Igreja por não apresentarem, na doutrina sobre ela mesma, a revelação essencial e primordial do mistério de Cristo, que é sua presença nos pobres. O Concílio não poderia iluminar o mistério da Igreja, "sacramento de Cristo", argüia o cardeal de Bolonha, sem trazer à luz "o mistério de Cristo nos pobres". Conseqüentemente pedia que se desse prioridade à "elaboração da doutrina evangélica sobre a eminente dignidade dos pobres como membros privilegiados da Igreja"; que "o centro e a alma de todo o trabalho doutrinal e legislativo (do Concílio fosse) o mistério de Cristo nos pobres e a evangelização dos pobres"; que "no aperfeiçoamento dos esquemas sobre a adaptação das instituições e dos métodos de evangelização se tivesse sempre em conta a relação histórica que se verifica entre o reconhecimento da eminente dignidade dos pobres e a reforma efetiva da Igreja".

A evangelização dos pobres não se tornou o tema do Concílio como pedira o cardeal Lercaro na sua intervenção.<sup>8</sup> Embora haja nume-

---

5. Editorial das *Inf. Cath. Int.*, n.º 177, 1.º de out. 1962. Estas afirmações não são válidas, porém, nem mesmo hoje, para os fiéis da América Latina que são, na sua imensa maioria, pobres. Sobre a riqueza, aparente e/ou real da Igreja como instituição e sobre os condicionamentos históricos e ideológicos de certos fatos e comportamentos da "Igreja institucional", ver a contribuição de Y. Congar na obra citada na n.º 1. "Alors que toute la mystique de l'Eglise affirme l'amour des pauvres, et même de la pauvreté, alors que l'Eglise est, presque partout, réellement pauvre, voire même parfois indigente, elle apparaît riche et, pour tout dire, seigneuriale ou prétendant l'être. Elle se nuit ainsi à elle-même, elle nuit à la cause qu'elle est faite pour servir et qu'elle veut vraiment servir" (Y. CONGAR, *op. cit.*, p. 10s). Eis um fato intolerável para a consciência cristã ao qual é necessário dar uma resposta prática.

6. Citado por P. GAUTHIER, *op. cit.*, p. 221.

7. Ver o resumo feito por R. ROUQUETTE em *Etudes* (fev. 1963) pp. 260-266 (trad. port. em *A Pobreza na Igreja*, Duas Cidades, São Paulo, s/d, pp. 85-87). Esta intervenção foi, segundo R. Rouquette, a mais ousada e a "mais reformadora de todas as que foram ouvidas durante a primeira sessão; abre, talvez, um novo caminho" (*loc. cit.*, p. 87).

8. "Não daremos satisfação às aspirações mais sinceras e mais profundas da nossa época, nem corresponderemos ao sentimento da esperança da unidade de todos os cristãos, se fizermos do tema da evangelização dos pobres apenas um dos inúmeros temas do Concílio. Não se trata, de fato, dum tema qualquer; de certa maneira, trata-se, sim, do tema do nosso Concílio. Se é exato afirmar, como aqui já foi dito por várias vezes, que o objetivo do Concílio é tornar a Igreja mais conforme à verdade do Evangelho e mais apta a responder aos

rosas referências esparsas ao tema da pobreza, sobretudo nas duas grandes constituições conciliares *Lumen gentium* (16 vezes) e *Gaudium et spes* (14 vezes), quantitativamente ele ocupa um lugar reduzido. Em LG 8, 3 é dito, porém, na mesma ótica cristológica em que o tema havia sido vigorosamente abordado pelo cardeal Lercaro,<sup>9</sup> o essencial da Revelação sobre a pobreza.<sup>10</sup>

O fenômeno do aparecimento e expansão das CEBs no Brasil é contemporâneo do acontecimento conciliar Vaticano II. Vários relatórios referem-se expressamente ao Concílio como sendo um dos fatores determinantes na gênese das CEBs. No plano puramente histórico não se pode demonstrar uma relação causal adequada entre os dois acontecimentos. O que há de comum a ambos é a ação do mesmo Espírito que, através de seus carismas, age (às vezes superando obstáculos insuperáveis para os cálculos humanos) nos portadores do ministério episcopal, reunidos em assembléia conciliar, para que possam exercê-lo segundo as exigências dos tempos, e age também no meio dos fiéis das CEBs levando-os a discernir e a realizar, na sua situação de abandono e de marginalização, "sinais" da presença e da ação do desígnio salvífico de Deus na história (ver GS 11, 1). Porque o Espírito do Senhor é liberdade (2 Cor 3, 17) e sopra onde quer (Jo 3, 8), o Concílio não suspeitava, nem podia suspeitar, que o tema da evangelização dos pobres iria tornar-se realidade, de maneira tão pobre e tão evangélica, nas CEBs. No meio do povo pobre das CEBs do Brasil está nascendo e crescendo efetivamente, pela força do Espírito, uma Igreja de pobres que, vivendo o serviço evangélico, questiona, sem pretendê-lo diretamente, estilos de vida em contradição com o Evangelho dentro e fora da Igreja.

## II. AS CEBs, COMUNIDADES DE POBRES

Quase todas as CEBs no Brasil, ubicadas na zona rural e, em menor número, nos bairros pobres das periferias das cidades, são

---

problemas da nossa época, poderemos dizer que o tema fundamental deste Concílio é precisamente a Igreja, enquanto Igreja dos pobres" (trecho da intervenção citado em *A Pobreza na Igreja*, p. 101).

9. Ver, além da citada intervenção, a alocução radiotelevisada de 22 de dez. de 1962, em *La Civiltà Católica*, 114 (1963/1) pp. 285-286 ou na trad. port., feita sobre o texto da D. C., 60 (1963) col. 317-321, em *A Pobreza na Igreja*, pp. 85-88; e sobretudo a conferência *La pauvreté dans l'Eglise*, pronunciada no Colégio dos Apóstolos, em Jounieh (Líbano) a 1.º de abril de 1964, publicada posteriormente como Prefácio da obra *Eglise et pauvreté* (ver nota 1), pp. 9-21.

10. Ver, sobre este parágrafo da LG, o amplo e excelente estudo de J. DUPONT — *A Igreja e a Pobreza*, em *A Igreja do Vaticano II*, Petrópolis 1965, pp. 420-452.

comunidades de pobres.<sup>11</sup> No estudo elaborado pelo IBRADES sobre uma centena de relatórios enviados dos diversos regionais da CNBB, a localização das CEBs por áreas é a seguinte: 53,5% na área rural, 10,9% na área rururbana e 16,8% na área urbana.<sup>12</sup> O Nordeste 1, uma das regiões mais pobres, se não a mais pobre, do Brasil, tem 15,9% do total das CEBs localizadas na região rural.<sup>13</sup> Todas as comunidades de que falam os 29 relatórios enviados para o I e II Encontro Inter-eclesial de Comunidades Eclesiais de Base, realizados em Vitória respectivamente em 1975 e 1976, estão igualmente localizadas na zona rural ou nas periferias das cidades.<sup>14</sup> Estes dados, junto com outros que poderiam ser analisados, mostram que o contexto social condiciona de modo decisivo a formação das CEBs.<sup>15</sup> Mas o que nos interessa, na ótica do nosso estudo, é *refletir teologicamente sobre o fato* de que as CEBs no Brasil estão constituídas, na sua imensa maioria, pelo povo pobre. Os números anônimos das estatísticas ocultam, porém, a vida e a história das pessoas e das comunidades concretas. Por isso passamos a espigar, nos aludidos relatórios enviados para os encontros de Vitória, alguns dados que nos mostram de maneira mais existencial, como vive esse povo de pobres que forma a quase totalidade das CEBs.<sup>16</sup>

---

11. As poucas CEBs que existem nos centros urbanos têm características diferentes, sendo em geral de tipo amiental. Este fato de não existirem CEBs tipicamente urbanas é, porém, seja dito de passagem, teológica e pastoralmente questionante (Cf. A. GREGORY, *Formas de Presença da Igreja em Grandes Cidades*. Relatório de Pesquisa, CERIS, Rio de Janeiro, 1975).

12. 18,8% dos relatórios não puderam ser aproveitados para a elaboração deste dado (ver *Comunidades: Igreja na Base* (Estudos da CNBB, 3) São Paulo 1974, p. 20). "Por comunidade rururbana entendemos aquela que se localiza em bairros, em geral pobres e às vezes afastados da cidade ou vila principal, mas cuja atividade econômica básica é a primária ou agrícola e extrativa" (*ibid.*, p. 21).

13. *Ibid.*, p. 22.

14. As CEBs de Volta Redonda só na aparência são a exceção que confirma a regra: não são periféricas geograficamente, mas sim sociologicamente (Ver SEDOC, maio 1975, col. 1129).

15. Sobre a importância do condicionamento econômico-social para a encarnação e a vivência do Evangelho, ver os estudos de M. D. CHENU reunidos no volume *L'Évangile dans le temps* (Coll. "Cogitatio fidei", 11), Paris 1964. "... Ces mouvements de pauvreté (em efervescência na Idade Média) sont toujours menés par un nouveau type de chrétiens, nés de la nouvelle condition humaine introduite par l'évolution économique et sociale, et ainsi dégagés des appareils terrestres d'une Eglise établie. Le choc évangélique est perçu dans la conjuncture, et ceux que ne sont pas engagés dans cette conjuncture restent insensibles aux appels évangéliques" (p. 393).

16. O fato de que milhões de brasileiros do interior e das periferias das grandes cidades vivem numa situação de pobreza absoluta é oficial e publicamente reconhecido. Sua situação é descrita no Editorial do "Estado de S. Paulo" de 9-IX-1976, sob o título: BNA (Banco

Em Tacaimbó, cidade de 3.000 habitantes, a 165 km de Recife, falta tudo: trabalho, habitação, alimentação, saúde, escola. "O povo vive na sua grande maioria todo sacrificado", oprimido, atenuado pelo círculo vicioso da pobreza que se estende, numa causação cumulativa, como um câncer. São os membros das CEBs os que se expressam nestes termos: "A maioria pobre não tem *trabalho* fixo, trabalha alugado nas roças ganhando 12,00 cruzeiros por dia (início de 1976)... Esse trabalho da roça não dá para viver, só para ir vegetando a vida... É por isso que muitos passam fome... A gente dá graças a Deus quando tem feijão, milho, farinha... Essa *alimentação* não dá para viver. Vive-se a pulso, vive-se porque de qualquer forma se passa. Carne é um dia sim e oito não. A *saúde* é muito pouca. O pai de família às vezes tem 5 ou 6 filhos e morre 4, morre à míngua, no desprezo, porque eles não podem tratar... Daí se encontrar mais doenças nos meninos... Muita gente grande também vive doente e não pode comprar remédio. Em quase todas as casas se encontra gente doente. A maioria do povo aqui em Tacaimbó mora em casas fracas... em casas de taipa... Nessas casas a higiene quase não há... não têm fossa. As crianças todas de barriga grande, vomitando, com disenteria que não tem fim. As condições da *educação escolar* são muito precárias... O que se aprende é uma asneira por esses meios... Eu tenho uma filha que faz 3 anos que está na escola e agora é que está aprendendo o nome dela".<sup>17</sup>

A situação de abandono, de despojamento, de pobreza extrema é semelhante na paróquia da Imaculada Conceição de Barreirinhas. Nela há 48 CEBs, 4 na sede e 44 no campo. A extensão territorial da paróquia coincide com a do município de Barreirinhas (MA): 2.347 km<sup>2</sup>, sendo sua população 25.000 habitantes, dos quais 5.000 na sede.<sup>1</sup> Os caminhos que ligam as comunidades entre si são poucos e intransitáveis na estação das chuvas, que dura sete meses. Os cristãos que formam estas comunidades rurais encontram-se "despojados de todo recurso: cultural, social, econômico, político". Sua miséria, diz o relator, é, "talvez, a mais profunda no Brasil". "Há vinte anos, os lavradores ainda viviam sem preocupação com a própria sobrevivência. Sempre havia animais no mato para caçar e peixes no rio... Hoje, sem reservas alimentares, facil-

---

Nacional de Alimentação) para 25 milhões de famintos, nestes termos: "De acordo com cálculos feitos pelo ministro Nascimento Silva, da população brasileira — cerca de 25 milhões de indivíduos — se encontram num estado de absoluta pobreza, caracterizada por carências totais em termos de alimentação, habitação, vestuário e estado sanitário... Esses infelizes... doentes, subnutridos, maltrapilhos... vegetam em regiões insalubres ou improdutivas do País, bem como na periferia das grandes cidades... Há 25 milhões de indivíduos que vivem num estado de fome crônica... 25 milhões de párias existentes em território pátrio".

17. Ver SEDOC, outubro 1976, col. 259-264.

mente passam fome... A mata rareou. Esgotou-se a terra". "Trata-se de populações condenadas à fome crônica, estabelecidas em terras esgotadas, aliás rodeadas por grandes proprietários cujo círculo infernal os encerra cada vez mais".<sup>18</sup>

Pobres, embora não tão dramaticamente, são também outras CEBs rurais. A situação sócio-econômica da Prelazia do Acre e Purus, com 102.136 km<sup>2</sup> e 200.000 habitantes, é descrita pelo seu bispo Dom Moacyr nestes termos: "A falta de indústrias, o desemprego, o analfabetismo, as doenças de massa, a falta de mão-de-obra qualificada e os baixos salários, a falta de estradas, as técnicas ultrapassadas na agricultura, a extinção dos seringais, a transformação de várias áreas em zona de pecuária, a chegada de grandes investidores e tantas outras interrogações mostram uma realidade bastante complexa".<sup>19</sup> Na região do Maranhão, limitada pelos cinco municípios de Santa Rita, Itapecuru, Vargem Grande, Presidente Juscelino e Morros, há 22 comunidades situadas em pequenos povoados "ligados entre si somente por caminhos de roça, onde os moradores transitam a pé ou montados... Em 1963, não tinha na região nenhuma assistência médica, escolar e existiam duas casas comerciais que eram os fornecedores e os compradores da produção".<sup>20</sup> O povo vive de agricultura de subsistência: arroz, feijão, milho, babaçu e sobretudo mandioca. A terra é trabalhada sem mecanização nem tração animal. E ainda quase todo o fruto do trabalho produzido nestas condições é-lhe tirado ao trabalhador braçal: em 1974 o lavrador lucrou Cr\$ 3,71 por alqueire de mandioca, enquanto o intermediário lucrou Cr\$ 25,00.<sup>21</sup>

A pequena Igreja local de Marroás (CE) está localizada no distrito do mesmo nome com um total de 8.000 batizados, dos quais 500 na sede e os outros em 52 povoados. O relatório descreve a economia da região nestes termos: "Criação de gado, ovelhas, caprinos. Agricultura: algodão, milho, feijão, mamona, mandioca, banana, mamão. Na sede, há um certo movimento comercial. Existem duas estradas carroçáveis, mas afastadas da central. Há cinco grandes proprietários, alguns pequenos e muitos camponeses sem terra".<sup>22</sup> O "histórico" feito por algumas pessoas do grupo de evangelização da comunidade do Sítio Granjeiro, paróquia de Mo-

---

18. Ver SEDOC, novembro 1976, col. 524-535.

19. Ver Dom Moacyr GRECCHI, *Comunidade de Fé e Homem Novo na Experiência do Acre e Purus*: REB 34 (1974) pp. 896-918, 897 e 906. Ver *ibid.*, p. 899 s., os dados acerca da CEB da Experimental, onde o analfabetismo atinge entre 70 e 80% da população escolarizável. Na Prelazia havia, em 1974, 9 CEBs formadas, 8 embrionárias e 2 em projeto, além de 191 grupos de evangelização.

20. SEDOC, maio 1975, col. 1119.

21. *Ibid.*, col. 1120.

22. *Ibid.*, col. 1107.

geiro (PB), começa assim: "A situação da região da gente é falta da terra, planta de capim para boi, ocasionando a saída para o sul, doenças, falta de união, morte das crianças, fome (miséria)".<sup>23</sup>

A paróquia de São Mateus (MA), com 20.000 habitantes, dos quais 5.000 aproximadamente na sede, é "essencialmente rural, com muita imigração cearense e piauiense".<sup>24</sup> Quando começou a experiência da criação de CEBs em 1973, a "igreja era freqüentada por um pequeno grupo, na sua totalidade povo humilde".<sup>25</sup> A taxa do dízimo, com cuja implantação se buscou a auto-sustentação da paróquia, foi de 1,00 cruzeiro mensal. — A mesma situação de extrema pobreza é revelada por estes dados da comunidade de Olho d'Aguinha dos Freires, Paróquia de Poranga (CE): Para a farmacinha, fizemos uma campanha fraterna nas 45 famílias da comunidade. Da renda compramos os remédios mais necessários. Revende os remédios para o povo, para ter sempre dinheiro para comprar os remédios quando se acabam".<sup>26</sup> Na mesma comunidade há "um grupo de 35 pessoas que fizeram um projeto de dinheiro, um empréstimo de Cr\$ 200,00 para pagar em dois anos".<sup>27</sup>

A experiência de CEBs na área rural da diocese de São Mateus (ES) "adere principalmente a classe socialmente mais humilde. Os mais ricos (em dinheiro e cultura) quase não aparecem".<sup>28</sup> A comunidade do Espírito Santo, uma das 70 da paróquia de São Mateus (ES), é formada por 40 famílias de pretos, 20 das quais assumiram a responsabilidade da comunidade.<sup>29</sup> — "A grande maioria dos nossos 'batizados', e por isso membros oficiais da Igreja — diz o relatório de Goiás —, são os pobres e os oprimidos. O sistema pesa cada dia mais sobre eles, aumentando a pobreza e agravando a opressão".<sup>30</sup>

Espalhadas pelas paróquias rurais de São Domingos e Novo Brasil (ES), há 33 CEBs. Seus membros são lavradores, na maioria meeiros, e quando muito, pequenos proprietários.<sup>31</sup> — A paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora de Itarana (ES), tem 20.000 habitantes, 900 km<sup>2</sup> e 20 capelas. Os fregueses são, quase exclusivamente, colonos de origem alemã e italiana, pobres e analfabetos na maioria. Vivem de cultura de manutenção, sobretudo milho. Meios de produção ultra-rudimentares, terreno acidentado, comer-

---

23. SEDOC, novembro 1976, col. 481.

24. *Ibid.*, col. 558.

25. *Ibid.*, col. 559.

26. *Ibid.*, col. 546.

27. *Ibid.*, col. 547.

28. SEDOC, maio 1975, col. 1094.

29. SEDOC, novembro 1976, col. 465.

30. SEDOC, maio 1975, col. 1102.

31. SEDOC, maio 1975, col. 1061s.

cialização expropriatória dos produtos. Só existem estradas carroçáveis entre as cidades polarizadoras distantes. Região sem futuro nenhum e por isso erodida por emigração colossal dos jovens para os centros de maiores possibilidades.<sup>32</sup>

Rurais são também as 40 comunidades espalhadas pelo interior do município de Linhares (ES), que tem 110.000 habitantes, dos quais 40.000 no interior. Nas comunidades distinguem-se cinco grupos étnicos com as seguintes características: *Grupo índio* (4 comunidades): quase todos os adultos são analfabetos; muito indolentes e bêbados; vivem da pesca e da lavoura branca, sobretudo mandioca. *Grupo africano* (8 comunidades): igualmente analfabetos quase todos; bastante indolentes, trabalhando, só o necessário para não morrer, como braçais na roça de cacau, carvoeiras e fazendas de gado; fatalistas e muito dados ao alcoolismo. *Grupo italiano* (9 comunidades): proprietários em boa situação econômica; 70% dos adultos são analfabetos. *Grupo alemão* (6 comunidades): são muito trabalhadores e vivem economicamente muito bem; bastante alcoólicos e muito ciumentos; são raros os analfabetos. *Grupo misto*: participam das qualidades e defeitos dos grupos anteriores. 70% são braçais, empregados de serrarias, roça de cacau, carvoeiras, vivendo do salário mínimo, e sem alcançá-lo na roça de cacau; as famílias são muito numerosas, com uma média de sete e oito filhos por família, pois "os filhos é Deus quem os dá".<sup>33</sup>

Pobres, e às vezes muito pobres, são também as CEBs situadas na periferia das cidades. As comunidades da periferia de Vitória, por exemplo são todas elas comunidades de pobres, em sua maioria operários, gente vinda do interior de Minas e do Espírito Santo, que estão desempregados, subempregados ou são assalariados da prefeitura. Essas CEBs estão localizadas em bairros formados recentemente, em favelas situadas sobre o mangue ou nas encostas dos morros.<sup>34</sup> — A paróquia de São Sebastião do Alto do Pasqual, situada na zona do cordão suburbano do Recife, deve ter uns 50.000 habitantes. Mergulhada nessa massa que se estende por "altos" e "córregos", umas 150 a 200 pessoas tentam viver em comunidade numa "situação de diáspora". O catolicismo desapareceu como religião dominante e "visível", a Igreja não impressiona, nem pelas suas dimensões nem pelas suas riquezas. A aceitação evangélica de uma Igreja "minoritária", "fermento", "em situação de diáspora", resulta-lhes muito difícil.<sup>35</sup> — No bairro do Rangel,

---

32. *Ibid.*, col. 1077ss.

33. *Ibid.*, col. 1083ss.

34. Ver "Pequeno relatório de uma experiência de visitas inter-comunitárias na periferia de Vitória — ES" (mimeo).

35. Ver SEDOC, maio 1975, col. 1095ss.

em João Pessoa (PB), há 25 comunidades de adultos, 8 grupos de jovens e 15 de crianças. Famílias paupérrimas que moram em barracos construídos sem nenhuma condição de higiene. Alta incidência de esquistossomose e tuberculose. "A população do bairro é de aproximadamente 28.000 habitantes oriundos de cidades do interior e do bairro de Jaquaribe, que, à medida em que foi se aburguesando, afastou as famílias de baixa ou nenhuma renda para o Rangel".<sup>36</sup> "A profissão do povo é a seguinte: pequenos comerciantes; pequenos funcionários públicos, estaduais e municipais; militares, professoras, motoristas, auxiliares de enfermagem, domésticas, costureiras, lavadeiras, operários (serventes, pedreiros, eletricitistas, encanadores, vigias, mecânicos), biscateiros, subempregados. O número de desempregados e de mendigos é grande".<sup>37</sup> — O meio em que estão inseridas as CEBs de Volta Redonda é o "meio operário e de gente pobre". O trabalho que elas fazem é "bem aceito no ambiente mais simples e até onde há miséria econômica". Mas não encontra aceitação nos ambientes de classe média e menos ainda de bem-estar".<sup>38</sup>

### III. A BOA-NOVA PROCLAMADA AOS POBRES

#### 1. Os pobres na terminologia bíblica<sup>39</sup>

O vocabulário concreto da língua hebraica evoca já o cortejo dos pobres carregando suas desgraças: ao lado do *rash*, o "indigente", eis *dal*, o "magro" ou o "fraco", *ebiôn*, o "mendigo" insaciado e *ani* (o termo mais usado no Antigo Testamento: 80 vezes, sobretudo nos profetas e nos salmos) e *anaw*, o homem "encurvado".<sup>40</sup> Para nós, ocidentais, o pobre é, em primeiro lugar, o que possui poucos bens econômicos e sofre, conseqüentemente, privações. O semita é sensível sobretudo à inferioridade social do pobre: o pobre é o

---

36. *Ibid.*, col. 1112s.

37. *Ibid.*, col. 1113.

38. *Ibid.*, col. 1129.

39. Na elaboração deste número e dos dois seguintes seguimos fundamentalmente os estudos de J. DUPONT, sobretudo: *A Igreja e a Pobreza*, em *A Igreja do Vaticano II*, Petrópolis 1965, pp. 420-452; *Les béatitudes. II: La bonne nouvelle* (Coll. Etudes Bibliques), Paris 1969; *Les pauvres et la pauvreté dans les Evangiles et les Actes*, em *La pauvreté évangélique* (Coll. Livre la Bible, 27), Paris 1971, pp. 37-62 (trad. port. *A Pobreza Evangélica*, São Paulo 1976; numa nota bibliográfica, no fim do artigo, o autor remete aos seus estudos anteriores mais importantes relacionados com este tema); *Introduction aux Béatitudes*: NRT (1976) 97-108.

40. Ver X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulaire de Théologie Biblique* (VTB), Paris 1964, col. 769-770; G. GUTIERREZ, *Teología de la liberación*, Salamanca 1972, pp. 369-371, com a bibliografia indicada nas notas.

homem sem defesa, o que não tem possibilidade de fazer valer seus direitos diante da justiça porque ela está nas mãos dos poderosos injustos e violentos e, por isso, é vítima de humilhações, vexames e toda sorte de injustiças. Os *anawim* são etimologicamente os "encurvados, os abaixados, os humilhados". "Sua miséria, que os torna incapazes de se valer por si mesmos, os coloca em estreita dependência de outrem; são obrigados a 'encurvar-se', não têm meio algum de resistir ou de se defender".<sup>41</sup> O israelita piedoso interpreta teologicamente à luz da sua fé em Deus, esta dialética entre o oprimido e o opressor: o poderoso que oprime o pobre é um "ímpio" que não teme a Deus; mas Deus é o defensor do pobre, dos direitos dos pobres.<sup>42</sup> A proteção e socorro que o pobre espera de Deus está fundada na sua situação de desgraça e de injustiça que Deus não pode tolerar porque é justo, e não necessariamente nem em primeiro lugar na sua piedade subjetiva. A visão que Israel tem dos pobres e oprimidos vai adquirindo, porém, freqüentemente uma coloração moral e religiosa.<sup>43</sup> O vocabulário dos Evangelhos revela esta mesma concepção fundamental:<sup>44</sup> não falam diretamente da pobreza, mas dos pobres. O termo habitual para designá-la é *ptóchós*, que aparece 24 vezes: 5 em Mt, 5 em Mc, 10 em Lc e 4 em Jo. Os pobres não são de modo algum idealizados. Em 3/4 dos casos (18/24), trata-se de pessoas indigentes, necessitadas de ajuda material, que é preciso socorrer.<sup>45</sup> Na terminologia bíblica, pertencem à classe dos pobres os que não têm onde morar, nem com que se vestir, nem o que comer;<sup>46</sup> os

41. J. DUPONT, *Introduction...*, p. 100.

42. Ver, por ex., Sab 2, 10-20 e as referências à margem na "Bíblia de Jerusalém"; ver também Jó 24,1-14, onde é descrita a opressão do proletariado rural da época. Os profetas são, em nome de Deus, os defensores destemidos de todos os pobres oprimidos e sem defesa: ver, por ex., Am 2, 6ss; 5,7-12; 8,4-7; Mq 3,1-4; Is 10,1-4, com as referências à margem na "Bíblia de Jerusalém"; Jer 22,13-19. O "grito dos pobres" que sobe até Deus, o grito de todos os indigentes, oprimidos, infelizes, ecoa também nos Salmos, assim como a esperança dos pobres na libertação operada por Iavé que fará reinar sua justiça contra os ímpios: ver Sl 9-10, com as referências à margem na "Bíblia de Jerusalém", e também os Sl 22; 25 e 69. Esta mesma teologia é vigorosamente retomada em Tg 5,4-6 (ver o comentário de J. CORBON, em *Assemblées du Seigneur*, 57, Paris 1971, pp. 46-52).

43. Para uma exposição mais ampla deste último tema ver, por ex., VTB, col. 771 ou o estudo de A. GELIN, *Les pauvres de Yahvé* (Témoins de Dieu. 14), Paris 1953.

44. Ver J. DUPONT, *Les pauvres et la pauvreté...*, p. 38s.

45. Este é também o sentido dos "necessitados" em At 4,34: "não havia entre eles indigente algum..." e em 1 Jo 3,17: "se alguém possuindo os bens deste mundo, vê o seu irmão na necessidade e lhe fecha o coração, como permanecerá nele o amor de Deus?".

46. "Os que têm fome", proclamados felizes nas bem-aventuranças, são literalmente os "famintos": mais forte e mais exatamente, os "famélicos": "Les *peinôntes* dont parle la béatitude sont des 'affamés', non au sens grec (ou français), mais biblique; ces gens 'ont faim' parce

cegos, surdos, aleijados; os prisioneiros, os estrangeiros, os órfãos e as viúvas; os aflitos, abatidos e desesperados. Resumindo: o conceito bíblico de pobre abrange todas as categorias de infelizes e marginalizados que sofrem e choram por causa de sua inferioridade social; os fracos e débeis da sociedade que se sentem e estão realmente desarmados, indefesos, desprotegidos; os que não têm voz nem vez na sociedade.

## 2. *Fundamento do "privilégio dos pobres"*

Estes pobres são proclamados por Jesus bem-aventurados; eles são os destinatários privilegiados do Reino de Deus. Por quê? "O fundamento do que se pode chamar privilégio dos pobres não se encontra numa concepção idealizada de sua pobreza, mas num ideal da função real".<sup>47</sup> Com outras palavras: não se encontra nas disposições espirituais interiores dos pobres, mas em Deus, na disposição de Deus, "na maneira como Deus concebe o exercício de sua realeza em favor dos débeis e infelizes".<sup>48</sup>

"Neste ponto, a Bíblia reflete a idéia que, desde o terceiro milênio, todo o antigo Oriente fazia do reino ideal. Tanto na Mesopotâmia como no Egito, a função primordial do rei é assegurar a justiça a seus súditos. No exercício desta prerrogativa, o rei deve levar em conta uma situação de fato: entre seus súditos, ao lado dos poderosos e dos ricos, que sempre tenderão a abusar dos meios de que dispõem para explorar e oprimir os fracos, existem seres fracos, os pobres e os deserdados, incapazes de se defenderem a si mesmos. Aham-se à mercê dos poderosos. Se é realmente digno do seu nome, o rei deverá, portanto, fazer-se o defensor do pobre, da viúva, do órfão, do oprimido; protetor credenciado dos fracos, fará respeitar seus direitos, reprimindo os abusos de que são vítimas. Desta perspectiva se deduz o ideal de uma justiça régia, não precisamente imparcial, mas que toma o partido dos fracos contra os fortes, dos pobres contra os ricos. Sob um rei perfeito que exercesse eficazmente sua prerrogativa de defensor da justiça, esta não aproveitaria igualmente a todos os súditos: os humildes e os pequeninos seriam os beneficiários, ao passo que os poderosos e os violentos seriam impedidos de prejudicar a outrem".<sup>49</sup>

---

qu'ils n'ont pas le nécessaire, ils sont privés de la nourriture indispensable. Non seulement ils ont faim, mais ils n'ont le moyen de se procurer le pain que apaiserait leur faim. Ce sont des pauvres, qui ne disposent pas du minimum vital. Leur vrai non serait 'les faméliques'" (J. DUPONT, *Les béatitudes*, II, p. 39).

47. J. DUPONT, *Les béatitudes*, II, p. 88.

48. *Ibid.*, p. 140.

49. J. DUPONT, *A Igreja e a Pobreza*, p. 440s. Testemunho precioso desta função primordial do rei de assegurar a justiça no seu reino,

Israel participa desta mesma mentalidade geral do antigo Oriente. No Sl 72 (talvez uma prece do dia da coroação) a solicitude por todos os oprimidos aparece como função característica e eminente do rei. Israel suplica a Deus que o rei, eleito por Ele para defender e governar seu povo segundo a verdade e a justiça, exerça de fato a justiça de Iavé, que é sempre uma justiça em favor dos pobres, aflitos, indigentes e oprimidos:

“Assegure o direito aos oprimidos do povo,  
ajude aos filhos dos necessitados  
e esmague o opressor...  
Liberte o pobre, quando brada,  
o oprimido que não tem quem lhe valha.  
Use de clemência para com o humilde e o desvalido;  
salve a vida dos indigentes.  
Salve a sua vida da opressão e da violência;  
o seu sangue seja precioso aos seus olhos” (vv. 4.12-14).

“O rei que deve administrar o direito de Iavé em Israel (v. 1) é julgado precisamente pela sua intervenção a favor dos mais necessitados de ajuda. Ou é o rei dos mais fracos ou não é verdadeiro rei em Israel”.<sup>50</sup>

Os textos religiosos do antigo Oriente aplicam aos deuses esta mesma forma de justiça régia em favor dos pobres e dos oprimidos. Israel vê também em Iavé o protetor dos pobres. É isto em virtude de sua justiça real. “É seu dever garantir por sua autoridade soberana os justos direitos dos homens incapazes de fazê-los triunfar por seus próprios meios”.<sup>51</sup> Se Deus não fosse o defensor dos oprimidos, não seria justo.<sup>52</sup>

---

protegendo particularmente os direitos daqueles de seus súditos que não se podem defender por si mesmos, é o célebre Código de Hammurabi (Ver *O Código de Hammurabi*. Introdução, tradução [do original cuneiforme] e comentários de E. BOUZON, Petrópolis 1976). O rei Hammurabi (1728-1686 a.C.) é apresentado no prólogo como “o príncipe piedoso” e “temente a Deus”, chamado pelos deuses “para alegrar os homens”, “para fazer surgir a justiça na terra, para eliminar o mau e o perverso, para que o forte não oprima o fraco...”. Expressões semelhantes voltam a aparecer no epílogo: a finalidade da obra de Hammurabi é dirigir o país no caminho da justiça, “para que o forte não oprima o fraco, para fazer justiça ao órfão e à viúva, para proclamar o direito no país...”. (Ver col. XLVII, 60-72; ver também, no corpo legal, os §§ 148-149, que tratam da defesa dos direitos dos doentes).

50. H. W. WOLFF, *Antropologia do Antigo Testamento*, São Paulo 1975, p. 257.

51. J. DUPONT, *Les béatitudes*, II, p. 89.

52. “Em Israel, considera-se um lugar comum que Iavé, Rei de seu povo, seja o protetor credenciado de todos os que não têm defesa. Assumindo este papel, ele não faz mais do que exercer a primeira de suas prerrogativas reais, que consiste em assegurar a justiça aos fracos, aos pequeninos, aos pobres, punindo todo aquele que tentasse lesar-lhes os direitos. Iavé é um rei justo. Mas é também um rei misericordioso

Israel passou, porém, pela experiência dolorosa e escandalosa de que também no povo escolhido os pobres são oprimidos. Contudo, não perdeu sua fé no exercício da justiça real de Iavé, mas projetou-a para o futuro, para os tempos messiânicos, quando a justiça e a solicitude de Iavé para com os pobres será efetiva. "Tal é o sentido da promessa que ressoa, com um acento tão particular, na segunda metade do Livro de Isaías. Quando Deus inaugurar seu Reino, poder-se-á dizer que Ele 'consolou seu povo, comoveu-se e teve piedade dos seus na aflição' (Is 49, 13); então Ele fará brilhar sua justiça, sua misericórdia, seu amor, resgatando e salvando os oprimidos, vingando-os de seus opressores".<sup>53</sup> Quando estabelecer efetivamente seu Reino, o Deus de Israel manifestará o seu poder na forma que para Lucas é já uma realidade: dispersando os orgulhosos, derrubando os poderosos e elevando os humildes, saciando os famintos e despojando os ricos (ver Lc 1,51-53).

### 3. *Evangelho segundo Lucas e CEBs*

Jesus identifica-se com o mensageiro do oráculo de Isaías que anuncia a Boa-nova da paz, da felicidade, da salvação, do Reino de Deus.

"Que formosos são sobre os montes  
os pés do que anuncia as boas novas,  
que anuncia a paz, que traz a felicidade,  
que apregoa a salvação,  
que diz a Sião: "Teu Deus reina!" (Is 52, 7).

Em Jesus chegou o tempo da "consolação" prometida. A sua missão coincide justamente com a proclamação do estabelecimento do Reino de Deus. Proclamação que é Boa-nova sobretudo e em primeiro lugar para os pobres, para os oprimidos, para todos os infelizes: os beneficiários privilegiados do Reino, no qual se deve "manifestar a justiça que Deus quer exercer em favor de homens sem defesa, ao mesmo tempo que sua ternura misericordiosa para com os infelizes, precisamente porque se acham na desgraça".<sup>54</sup>

---

e compassivo, qualidade que só pode reforçar a sua solicitude para com os infelizes e os que se acham na aflição. Justiça e misericórdia concorrem aqui para o mesmo efeito, justificando conjuntamente a situação privilegiada dos deserdados perante Deus" (J. DUPONT, *A Igreja e a Pobreza*, p. 441s).

53. *Ibid.*, p. 442. Ver nas notas 67-73 os textos de Is em que aparecem os conceitos bíblicos usados por J. Dupont na última frase citada.

54. J. DUPONT, *A Igreja e a Pobreza*, p. 443. Na nota 74 o autor faz observar, contudo, que referindo-se às promessas messiânicas do Livro de Isaías, Jesus retém unicamente o que elas dizem a respeito dos benefícios prestados aos infelizes, omitindo a contrapartida: a vingança que se abaterá sobre seus opressores. Ver sobretudo Is 35,4: "...eis que vosso Deus trará a vingança e as represálias", e 61,2: "... publicar o ano de reconciliação do Senhor e o dia de vingança do nosso Deus".

Em 5 dos 24 textos em que aparece nos evangelhos, o termo "pobre" (*ptóchós*) tem imediatamente este sentido escatológico.<sup>55</sup> Os textos, na versão de Lucas, são os seguintes:

1.º) Jesus foi ungido e enviado "para evangelizar os pobres" (Lc 4, 18). Após ter lido na sinagoga de Nazaré a profecia de Is 61, 1-2, Jesus traça, a partir dela, o programa do seu ministério.<sup>56</sup> Nele, na sua pessoa e na sua missão, faz-se presente, faz-se "hoje", a esperada intervenção de Deus em favor dos pobres, dos presos, dos cegos, de todos os oprimidos, a todos os quais anuncia a libertação, o fim de seus sofrimentos.

2.º) Sinal da presença do Reino na pessoa e na missão de Jesus é que "os pobres são evangelizados" (Lc 7, 22). Interrogado diretamente pelos discípulos de João Batista sobre sua pessoa e sua missão, Jesus responde revelando-se com fatos e com palavras. Os fatos são os sinais do Reino: "Na mesma hora, ele curou a muitos de doenças, de enfermidades, de espíritos malignos e restituiu a vista a muitos cegos" (Lc 7, 21).<sup>57</sup> A resposta oral dada

---

55. Para o que segue, ver J. DUPONT, *Les pauvres et la pauvreté...*, pp. 45-53.

56. Lucas, que segue a versão grega no AT, faz algumas omissões e acréscimos teologicamente significativos (ver nota 54 e as notas 13 e 14 do artigo de E. Samain citado a continuação) do texto de Is 61, 1-3a. A tradução que segue está tomada de E. SAMAIN, *Manifesto de Libertação: o Discurso-programa de Nazaré*: REB 34 (1974) 261-287, 270s.

*Lucas 4,18-19*

O Espírito do Senhor (está) sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres,

ele me enviou para proclamar aos cativos a libertação e aos cegos a restauração da vista  
'para reenviar os oprimidos em liberdade' (Is 58,6)  
para proclamar um ano de graça do Senhor.

*Isaias 61,1-3a (LXX)*

O Espírito do Senhor (está) sobre mim, porque ele me ungiu.

Para evangelizar os pobres, para curar os que têm o coração abatido

ele me enviou para proclamar aos cativos a libertação e aos cegos a restauração da vista

para proclamar um ano de graça do Senhor e um dia de vingança, para consolar todos os aflitos, dar aos aflitos de Sião a glória em vez de cinza, um óleo de alegria para os aflitos, uma vestimenta de louvor em vez de um espírito abatido.

57. O sentido *evangélico* dos milagres de Jesus não está na sua "miraculosidade", mas em serem expressões reais da esperança absoluta para os deserdados e desesperançados desta terra. Este tema poderia ser também desenvolvido na ótica do nosso estudo. Sobre a problemática do *sentido* dos milagres, podem ver-se, num contexto mais

a continuação está composta por uma série de alusões aos oráculos da consolação do Livro de Isaías: "Ide e contai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho" (Lc 7, 22). João poderá assim compreender que no mistério de Jesus se realizam as promessas feitas para os tempos messiânicos. Dentre os sinais que o acreditam como o Messias Libertador, Jesus enumera em último lugar: "a Boa-nova é enunciada aos pobres". Este sinal, embora não tenha o caráter miraculoso dos outros, dá a impressão de ser o mais específico e o mais decisivo de todos. "É nele que Jesus parece fazer consistir o traço distintivo mais característico de sua missão".<sup>58</sup>

3.º) As três primeiras bem-aventuranças estão dirigidas aos pobres (desprovidos de qualquer apoio econômico e social), aos famintos (privados de meios para saciar sua fome), aos aflitos (que manifestam externamente a aflição que causa neles sua marginalização econômica e social). Elas formam, segundo J. Dupont, um todo unitário que está enraizado nos mesmos textos de Isaías subjacentes às outras duas perícopas. Os pobres aos quais é proclamada a Boa-nova são justamente os indigentes do ponto de vista social e econômico tal como foram descritos acima. Sendo um eco das promessas do Livro de Isaías, e mais particularmente do oráculo 61, 1-2, no qual se anuncia o mensageiro que proclama a Boa-nova a todos os pobres, as três primeiras bem-aventuranças devem representar o núcleo mais antigo da pregação de Jesus. Identificando-se com esse mensageiro, Jesus proclama: "*Bem-aventurados os pobres porque a eles pertence o Reino de Deus*" (Lc 6, 20). A justiça de Deus manifesta-se pondo fim a todo esse sofrimento dos pobres.<sup>59</sup>

Contra uma interpretação espiritualista e moralizante muito frequente,<sup>60</sup> segundo a qual os pobres são proclamados bem-aventu-

---

amplo, as indicações dadas por J. I. GONZÁLEZ FAUS, *La humanidad nueva*, Madrid 1974, pp. 120-122.

58. Ver DUPONT, *Les pauvres et la pauvreté...*, pp. 48-50. No mesmo sentido se expressam G. FRIEDRICH em ThWNT II, 715: "Estas últimas palavras ('aos pobres é proclamada a Boa-nova') constituem o ponto culminante da frase"; e também E. BÄMMEL, *ibid.*, VI, 930. "A proximidade de Jesus a esta categoria de gente (a classe social oprimida e desprivilegiada) é tão grande que, segundo J. Jeremias, o resumo do Evangelho e de toda a pregação de Jesus não é: o Reino, ou a salvação, chegou, mas: a salvação chegou *para os pobres*, para os pecadores" (J. I. GONZÁLEZ FAUS, *op. cit.*, p. 87; ver nas pp. 87-112 da mesma obra uma boa apresentação desta questão da relação com os marginalizados).

59. Ver J. DUPONT, *Les béatitudes* II, 92-99 e E. SAMAIN, *art. cit.*, 280s.

60. Ver, por ex., a conhecida obra de A. GELIN, *Les pauvres de Yahvé*, Paris 1953.

rados não por causa de sua situação sócio-econômica, mas por causa de suas disposições espirituais interiores, J. Dupont, no seu magistral estudo sobre as bem-aventuranças, defende a tese de que o "privilégio dos pobres e dos infelizes tem seu verdadeiro fundamento, não neles, nas disposições espirituais que lhes são atribuídas, mas na natureza do Reino que vem, nas disposições de Deus, que quer exercer seu poder real em favor dos mais deserdados. As bem-aventuranças são antes de tudo uma revelação da misericórdia e da justiça que devem caracterizar o Reino de Deus".<sup>61</sup> "Jesus dirige-se, não a um grupo de homens que se distinguem por uma atitude piedosa, mas a pobres, desprezados, miseráveis, à gente que parece estar excluída da salvação".<sup>62</sup> Contra uma exegese moralizante, J. Dupont argumenta também com o fato de que os mesmos textos que falam dos pobres mencionam os famintos, os prisioneiros, os cegos, os surdos, os leprosos etc. Ora, é evidente que não é possível espiritualizar a situação de todos esses tipos de infelizes.

O privilégio dos pobres não é, contudo, exclusivo.<sup>63</sup> Na teologia universalista de Lucas, a salvação proclamada por Jesus é oferecida a todos. No discurso programático de Nazaré (Lc 4, 16-30) que, embora na sua forma atual seja uma composição do evangelista, no seu núcleo histórico deve remontar ao mesmo Jesus, é proclamada uma libertação total, interior e exterior. "A sua mensagem era um manifesto religioso que implicava a libertação do homem total, nos seus elementos carnis e espirituais; ela era a proclamação soberana que Deus não podia aceitar a morte do homem, do pobre e do rico, do fraco e do poderoso, do faminto e do farto".<sup>64</sup>

É justamente Lucas, "o evangelista dos pobres", quem mostra irrefutavelmente que o "privilégio dos pobres" não é sectariamente exclusivo. Jesus, que veio "anunciar a Boa-nova aos pobres" (Lc 4, 18), chegando a Jericó faz questão de hospedar-se, não em casa de um pobre, mas em casa de Zaqueu, "que era rico": "Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa" (Lc 19, 5); e não era um rico honesto, mas "o chefe dos publicanos", isto é, dos exploradores do povo pobre e colaboradores dos opressores roma-

61. J. DUPONT, *Les béatitudes*, II, p. 15.

62. *Ibid.*, p. 16, no fim da nota. O autor prova sua tese analisando sucessivamente, ao longo dos oito capítulos, a semântica do vocabulário bíblico, tanto no Antigo como no Novo Testamento (cap. I); uma série de textos mesopotâmicos, ugaríticos e egípcios nos quais aparece como função típica dos reis e dos deuses o exercício da justiça em favor dos débeis e dos pobres contra os ricos e os poderosos (cap. II); a projeção escatológica deste ideal no Deutero-Isaias e sua realização no ministério de Jesus, o Messias (cap. III); o privilégio dos pequeninos (cap. IV) e dos pecadores (cap. V), que confirma a tese.

63. Ver J. DUPONT, *A Igreja e a Pobreza*, pp. 444-445.

64. E. SAMAIN, *art. cit.*, p. 283.

nos, que eram os "imperialistas" daquele tempo. Jesus é um homem universal e um homem livre. Rompe todos os esquemas religiosos, políticos e ideológicos. Em resposta às murmurações dos que o acusavam de "hospedar-se na casa de um pecador" (19, 7), Jesus proclama: "hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão" (19,9). E Lucas encerra a cena com estas palavras: "Com efeito: o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido" (19, 10).<sup>65</sup> A libertação do pecado só é possível pelo perdão de Deus; e este perdão é oferecido gratuitamente a todos os homens, sem exceção, que se abrem, no arrependimento e na fé, ao amor libertador de Deus, amor que cria uma existência nova no homem.

Dito isto inequivocamente, é necessário reafirmar com a mesma clareza que a libertação das situações de opressão sócio-econômica é parte essencial e inalienável da Boa-nova proclamada por Jesus; mais ainda: os pobres que sofrem as conseqüências dessa situação são destinatários privilegiados dessa Boa-nova.<sup>66</sup> Se na ótica do nosso estudo (e por causa de acentuações desviadas que levaram a mal-entendidos espiritualistas, com as nefastas conseqüências práticas conhecidas) insistimos neste segundo aspecto, não negamos de forma alguma o primeiro; mais ainda: o segundo: a libertação dos pobres, dos famintos, dos aflitos, de todos os que sofrem, só será possível na medida em que, explícita ou anonimamente, se der o primeiro: a libertação do pecado, do egoísmo, no coração do homem.

Como se realiza, isto é, como se torna realidade nas CEBs que acolhem o Evangelho, a Boa-nova da libertação do homem todo proclamada por Jesus? Na última parte do nosso estudo tentare-

---

65. Ver também Lc 15,6.9.24.32 e ainda Mc 2,16-17, onde Jesus, à mesma crítica que lhe fazem os escribas: "Por que o vosso mestre come e bebe com os publicanos e pecadores?", responde com estas palavras: "Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes. Não vim chamar os justos, mas os pecadores". "Na boca de Jesus — comenta J. Dupont —, a expressão 'o que estava perdido' deve entender-se no sentido espiritual; trata-se de pecadores, considerados como perdidos que é preciso encontrar, como pessoas de cuja salvação eterna se desespera, e que é preciso salvar da perdição" (*A Igreja e a Pobreza*, p. 444s). Em conclusão: "A prerrogativa dos pobres não é, portanto, exclusiva. Aparece, antes, como um caso particular, dentro de um conjunto mais vasto: todas as misérias, físicas e espirituais, concernem à missão de Jesus; todas elas movem-no à compaixão, reflexo da terna solicitude de Deus, de sua vontade de manifestar sua misericórdia gratuita e superabundante" (*Ibid.*, 445).

66. "Se a proclamação da 'Boa-nova aos pobres' pelo próprio Jesus não pode ser identificada com um programa sócio-político qualquer, parece fora de dúvida que Jesus se dirigiu primeiramente a pobres, aflitos, famintos, assim como o atesta o núcleo mais antigo das bem-aventuranças (núcleo em relação estreita com o texto de Is 61), cuja versão lucana precisamente conservou os elementos essenciais" (*Ibid.*, p. 286).

mos responder mais amplamente a esta questão fundamental. Aqui indicamos só um exemplo. A Igreja particular da prelazia de São Félix (MT) define explicitamente sua pastoral como evangelização libertadora segundo as palavras de Isaías 61, 1-2, das quais, como acabamos de ver, se serviu Jesus para definir sua missão. Os meios por ela indicados para a realização desta opção de libertação evangélica com e pelos pobres são usados de fato, embora não sejam formulados e explicitados tão clara e incisivamente, em todas as comunidades de pobres, abertas ao Evangelho, de que falam os relatórios. Em todas elas há (segundo as exigências diferentes de cada situação concreta): "1. Encarnação na pobreza, na luta e na esperança do povo; 2. Educação libertadora pela conscientização e pela promoção humana; 3. Denúncia profética".<sup>67</sup>

#### 4. *Evangelho segundo Mateus e CEBs*

- a) *"Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus"* (Mt 5, 3).

Mesmo defendendo uma tese que "vai contra-corrente da interpretação mais geralmente aceita",<sup>68</sup> J. Dupont concede que Mateus introduz na sua redação das bem-aventuranças uma reinterpretação, não "espiritualista", mas sim espiritual: "Bem-aventurados os pobres *em espírito*" (5, 3), "bem-aventurados os que têm fome e sede *de justiça*" (5, 6), "bem-aventurados os perseguidos *por causa da justiça*" (5, 10). Como indicamos acima, há boas razões para pensar que Jesus formulou as bem-aventuranças fazendo eco ao oráculo de Is 61, 1-2. Traiu então Mateus, na sua versão das bem-aventuranças, o sentido que elas tinham na pregação e na missão de Jesus?

Atualmente é ponto pacífico na exegese que os Evangelhos não são reportagens neutras e estritamente "objetivas" das palavras e ações do Jesus histórico. O que os evangelistas pretendem é levar os leitores a compreender o sentido que as palavras postas na boca de Jesus têm para os cristãos na situação concreta em que eles se encontram, e que não coincide exatamente com a situação da pregação de Jesus.<sup>69</sup> Em última análise, esta atualização é mais fiel à intenção de Jesus do que uma fidelidade mecânica à letra de suas palavras.<sup>70</sup> As leituras sucessivas das bem-aventuranças

67. SEDOC, novembro de 1976, col. 564.

68. J. DUPONT, *Les béatitudes*, II, p. 147.

69. "O primeiro evangelho atualiza para os cristãos o que Jesus disse para seus contemporâneos" (X. LÉON-DUFOUR, *Introdução à la Bible*, II, Tournai 1959, p. 185); "Mateus quer mostrar como se pode e como se deve ser 'discípulo' de Jesus nos anos 80-90" (P. BONNARD, *L'Évangile selon Saint Matthieu*, Neuchâtel 1963, p. 10).

70. J. DUPONT, *Introduction...*, p. 98s.

não se destróem mutuamente pelo fato de serem distintas. O anúncio da felicidade proclamada aos pobres é tão verdadeiro no sentido e no contexto da pregação de Jesus como no sentido e no contexto das comunidades cristãs para as quais escrevia Mateus.

Os "pobres em espírito" de Mt 5, 3 não podem ser simplesmente identificados com os "humildes" e os "pequeninos". Mateus não "espiritualiza" Lucas. Ambos têm a mesma concepção fundamental dos pobres que vem do Antigo Testamento, e particularmente do Deutero-Isaías e dos Salmos, através de uma longa evolução. Também os pobres que Mateus proclama bem-aventurados são social e economicamente marginalizados e oprimidos.<sup>71</sup> A diferença entre Mateus e Lucas está na acentuação. Especialmente depois do Exílio, os *anawim* são sobretudo os "piedosos", aqueles que esperam a salvação só de Deus. Mas foi através de uma longa e dolorosa experiência de opressão e marginalização econômica e social — e não por causa de um temperamento naturalmente religioso — que eles foram conduzidos a confiar e esperar só em Deus como seu Libertador e Salvador. É esta consciência do *ani*, que não conta nem pesa nada na sociedade, que não tem voz nem vez, a que se expressa por exemplo no Sl 40, 18: "Eu sou pobre e desgraçado; mas o Senhor cuida de mim. Tu és meu auxílio e minha libertação: meu Deus, não tardes". Em Mateus são proclamados bem-aventurados estes *anawim* que são pobres "no mais profundo e no mais concreto de sua condição, diante dos homens e diante de Deus".<sup>72</sup> Mateus acentua esta atitude global de humildade que brota de uma situação de humilhação econômico-social, enquanto que Lucas acentua mais o aspecto de privação, de opressão e de humilhação que os pobres sofrem por causa de sua pobreza material.<sup>73</sup>

Voltando à pergunta que fazíamos no começo deste número: "Traiu Mateus, na sua versão das bem-aventuranças, o sentido que elas

---

71. A expressão "pobres em espírito" significa realmente *pobres*. O dativo *tō pneūmati* (em ou de espírito) equivale ao dativo *tē kardía* (puros de coração, ou realmente puros). Ambas expressões encontram-se no Sl 34,19.

72. Ver P. BONNARD, *op. cit.*, p. 56.

73. H. BORRAT sintetiza do seguinte modo as explicações sobre esta questão dadas pelos exegetas J. Schniewind e K. H. Rengstorf: "Se Mt destaca mais o lado interno e Lc o externo da pobreza, não é porque um chegue só àquele e o outro fique só com este, mas pela situação especial do leitor de cada evangelho. Na igreja de Mt existia o grande perigo da arrogância de uma piedade segura de si mesma (Mt 5,2s; 6,1s; 7,1s). Enquanto que Lc vê ameaçada sua igreja pelo mundo e seus valores (Lc 12,13s; 16,19s; 18,18s). Em outras palavras: Mt combate a auto-suficiência religiosa, Lc a mundanização. Cada evangelista tem sua 'preocupação pastoral' própria; em cada um há um anúncio da Boa-nova adequado a sua respectiva igreja" (*Las bueno-aventuranças y el cambio social, em Fe cristiana y cambio social em América Latina*, Salamanca 1973, pp. 213-220, 219).

tinham na pregação de Jesus?”, respondemos: A mensagem original de Jesus não perdeu nada de sua validade e atualidade, como veremos mais amplamente na quarta parte ao analisar como se realiza entre os pobres das CEBs a Boa-nova do Reino proclamada por Jesus. A atualização feita por Mateus para os cristãos da Síria dos anos 80 continua sendo, porém, evangelicamente vinculante e libertadora para os cristãos pobres de hoje. Jesus mesmo era pessoalmente um *ani*: um “pobre em espírito”, um “manso”, um “humilde”, um “paciente” (ver Mt 11, 28-30 e também 12, 17-21; 21, 5). “O ideal de humildade adapta-se maravilhosamente à figura do Messias desde Is 40ss”.<sup>74</sup> Jesus, no seu comportamento de Messias dos pobres, leva até o extremo a atitude de humildade diante de Deus e diante dos homens.<sup>75</sup>

b) *O mistério do Reino é revelado aos pequeninos* (Mt 11, 25-27).

Este mesmo caminho que Ele percorreu é o que propõe aos discípulos que querem segui-lo para entrar no Reino. Jesus louva (confessando e reconhecendo = *exomoloquein*) o Pai porque revelou o mistério do Reino, o mistério da sua pessoa e da sua missão, que se manifesta nas suas palavras e ações, aos “pequeninos” (*népioi*), ao povo simples que é menosprezado como “ignorante”, “cego” e “insensato” pelos “sábios e inteligentes” (Mt 11, 25). Na religião da Lei, os privilegiados são os “doutores da Lei”. Jesus opera uma inversão de 180 graus: faz dos últimos os primeiros, faz dos desprezados como “ignorantes” e “cegos” porque não conhecem a Lei, os destinatários privilegiados do Reino.<sup>76</sup> Também aqui, porém, “a razão do privilégio dos *népioi* não deve ser buscada nem na sua simplicidade e ignorância, nem nas disposições do coração delas resultantes; ela está na *eudokia* do Pai, na sua benevolência totalmente gratuita para com eles”:<sup>77</sup> “Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado” (Mt 11, 26).

A *eudokia*, o beneplácito de Deus é paradoxal: “O Deus altíssimo está próximo do que é pequenino”.<sup>78</sup> O Reino pertence aos “pe-

74. R. KITTEL, *Geschichte des Volkes Israel*, III, Stuttgart 1929, p. 692, 245, citado por A. GELIN, *Os pobres que Deus ama*, São Paulo 1976, p. 137.

75. Ver A. GELIN, *op. cit.*, p. 136ss, 170ss.

76. Ver P. BONNARD, *op. cit.*, *ad. loc.* A marginalização religiosa e, por conseguinte (numa sociedade teocrática como a de Israel), também social destes “pequeninos”, “que não conhecem a Lei”, aparece em toda sua virulência na expressão que, em Jo 7,49, é posta na boca dos sumos sacerdotes e dos fariseus: “Mas este povo, que não conhece a Lei... são uns malditos!”.

77. J. DUPONT, *Les béatitudes*, II, p. 216.

78. *Ibid.*, 127.

queninos". Aos cristãos que fazem parte das CEBs, que são "pebres" e "pequeninos", deve ser anunciado também este "Evangelho segundo Mateus". As CEBs são atravessadas por uma brisa de alegria e de liberdade, porque nelas o povo simples do interior, sem perder a sua simplicidade, ouve, maravilha-se e aceita na fé, na esperança e no amor, que, pela benevolência de Deus, eles foram escolhidos para conhecer os mistérios do Reino de Deus, para a libertação e salvação trazidas por Jesus. Estes pobres, ao mesmo tempo que são evangelizados, nos evangelizam, são um apelo vivo para a nossa conversão ao Evangelho. Se nos colocarmos numa atitude de verdade evangélica, se quisermos ser servidores segundo o Evangelho e não manipuladores dos pobres das CEBs, se estivermos dispostos a respeitá-los evangelicamente sem querer instrumentalizá-los e dominá-los em nome de "a prioris" em contradição com o que constitui o coração mesmo do Evangelho segundo Mateus, descobriremos que os cristãos das CEBs no Brasil vivem quase espontaneamente (com a espontaneidade que é fruto da ação da graça, do beneplácito do Pai), e querem viver ainda mais verdadeiramente, o exemplo de Jesus no serviço humilde e despretensioso de uns aos outros, no perdão mútuo, na fraternidade, na rejeição ativa da violência, numa palavra: no amor ao próximo. E Mateus é justamente, entre os Sinóticos, o que mais insiste neste amor como traço distintivo dos discípulos de Jesus.

"Que pretendem as comunidades de base?", pergunta-se J. Comblin. E responde na sua característica linguagem direta e incisiva: "Essencialmente, buscar a caridade. Isto é, reencontrar aquilo que é mais central no cristianismo: recolocar a Igreja na vida vivida cotidianamente. Tudo mais é acessório, e, se quisermos compreender o sentido do movimento das comunidades de base, devemos sustentar absolutamente que é isto que buscam, e nada mais. Pode acontecer que, de passagem, elas se detenham por vezes em outras coisas, mas é que, então, deixam-se distrair daquilo que, até o momento, e, pelo menos na América Latina, é sua finalidade muito consciente".<sup>79</sup>

Que são afinal as CEBs? São lugares de comunhão, onde se manifesta sacramentalmente, isto é, visível e eficazmente, a presença do Reino de Deus, que um reino de justiça, de paz e de amor; são comunidades de gente pobre que vive, e procura viver cada vez mais, a fé, a esperança e o amor, encarnados no "chão da sociedade". Esta encarnação é tão simples quanto radical, tão frágil quanto transformadora. Ela situa-se na linha da encarnação do Verbo na carne da humanidade. "De fato, as experiências das comunidades de base são experiências daquilo que há de mais

---

79. J. COMBLIN, *As Comunidades de Base como lugar de experiências novas*: Concilium, n.º 104 (1975) pp. 457-465, 457.

elementar e mais simples no homem".<sup>80</sup> E justamente por isto, por paradoxal que possa parecer, eles são, para os cristãos que as formam, algo totalmente novo. Como os relatórios mostram, a maioria deles nunca tinham feito a experiência do encontro pessoal e comunitário com o Evangelho, nunca tinham sido considerados no seu meio, nunca tinham experimentado a força de sua união.

As CEBs no Brasil são e querem ser cada vez mais comunidades de fé, de oração e culto, de caridade. Comunidades pequenas onde se lê ou se ouve o evangelho e se reflete sobre ele; onde se canta comunitariamente a mesma fé e a mesma esperança; onde se aprende a amar, a perdoar e a servir, isto é, a traduzir em prática de libertação essa fé e essa esperança.<sup>81</sup> A fé que nas CEBs é descoberta e aprofundada é uma "fé que opera pela caridade" (Gál 5, 6). Os cristãos das CEBs, que procuram zelosamente o bem, que não poucas vezes sofrem por causa da justiça, dão, com suas palavras e com suas ações, razão da esperança que há neles (1 Pdr 3, 13-15). Desde a sua pobreza, fazem cotidianamente a experiência da eficácia de sua fé, de sua esperança, de sua caridade, as quais são nas suas vidas realmente "virtudes", forças poderosas que os vão libertando progressivamente do círculo da dependência, do abandono, da ignorância, da desunião, do desespero que os oprimia cada vez mais. Participam eficazmente na transformação do mundo ao transformar o relacionamento entre eles e sua relação com o mundo do trabalho, da economia, da política, da cultura, pelo fermento evangélico. Não pretendem ser revolucionários; vivem a revolução permanente da fidelidade ao Evangelho na sua história.

c) "*Vinde, benditos do meu Pai, tomai posse do Reino*" (Mt 25, 34).

Mateus, que na sua versão das bem-aventuranças amplia, com relação a Lucas, o conceito de pobres, explicitando-o ainda mais em textos como 11, 25-27, na passagem sobre o Juízo Final radicaliza até um extremo insuperável a solidariedade do Messias com os pobres, entendidos no sentido forte que tem o termo na Bíblia. "Quando o Filho do Homem vier em sua glória" no fim do mundo, sairá em defesa de todos os homens sem defesa, exercendo definitivamente — assentado no seu trono — a função típica do rei ideal que havia sido profetizada por Isaías para os tempos messiânicos e inaugurada no "hoje" do discurso programático da sinagoga de Nazaré. Mais ainda. Na cena do grande julgamento segundo Mateus, o Messias *identifica-se* com todos os homens que objetivamente sofrem as privações das necessidades mais elemen-

---

80. *Ibid.*, 462.

81. Ver J. MARINS, *Comunidades Eclesiais de Base na América Latina*: Concilium, n.º 104 (1975) pp. 404-413.

tares: com os que sofreram a fome e a sede, com os forasteiros e exilados, com os nus, os doentes e os presos (ver vv. 35-36). Todos estes pobres são os mesmos desprotegidos e marginalizados, despojados e oprimidos aos quais Jesus anunciou a libertação durante o seu ministério terrestre. Agora, nesta cena que "descreve a passagem do Reino de Deus oculto e pregado para o Reino manifesto no fim dos tempos",<sup>82</sup> o Filho do Homem revela "na presença de todas as nações" (v. 32), isto é, a todos os homens de todos os tempos, que a defesa dos indefesos, a Boa-nova da libertação proclamada outrora aos privilegiados do Reino, se realiza desde o esvaziamento, desde a solidariedade máxima do Messias Libertador com os mais miseráveis de todos os homens.<sup>83</sup>

Mateus não destemporaliza a escatologia reduzindo-a a pura ética. "A ética de Mateus permanece radicalmente escatológica no sentido temporal desta palavra, tanto aqui como nos capítulos 5-7 e no capítulo 18."<sup>84</sup> Mateus evoca a vinda do Filho do Homem "para sublinhar a importância 'última' dos atos de amor, isto é, de ajuda no serviço dos mais pequenos".<sup>85</sup> "O juízo final não é escrito por ele mesmo, mas para fundamentar e manter os apelos à vigilância ativa e misericordiosa que marcam o conjunto da narração materna".<sup>86</sup> Como ao longo de todo o seu evangelho, Mateus ressalta aqui a importância do *fazer*: o que conta no Juízo Final "não são as intenções, nem os sentimentos, mas os gestos de socorro".<sup>87</sup>

---

82. P. BONNARD, *op. cit.*, p. 364.

83. Discutindo a natureza desta misteriosa solidariedade do Filho do Homem com os miseráveis, P. Bonnard vê nela um exemplo da idéia, típica de Mt, "de uma identificação ao mesmo tempo jurídica, real e escatológica entre este Juiz e os pobres" (*op. cit.*, 366, n. 1; o sublinhado é do autor). Na mesma página cita a Théo PREISS: *La vie en Christ*, 1951, p. 82s: "... O Filho do Homem solidarizou-se com todos aqueles que têm, objetivamente, necessidade de socorro, sejam quais forem aliás suas disposições subjetivas... O Filho do Homem vê em todo miserável seu irmão... Seu amor de pastor de Israel pretende solidarizar-se com toda a miséria humana na sua imensidade e na sua profundidade última". "Pretensão soberana de um rei absoluto, pretensão que arruína toda idéia de que existiria um bem em si, uma justiça abstrata fora dele, mas que dá um peso infinito e uma glória divina ao mais humilde gesto de amor... Mas, por outra parte, o Filho do homem não quis nada para si mesmo: com uma autoridade não menos soberana, ele não quer haver sido servido a não ser nos irmãos" (*ibid.*, p. 85s, citado na n. 1 da p. 366).

84. P. BONNARD, *op. cit.*, p. 367.

85. *Ibid.*, p. 364.

86. *Ibid.*, p. 366s.

87. *Ibid.*, p. 366. Antecipando o tema da conclusão do nosso estudo, queremos transcreever aqui, no seu teor original, um parágrafo de J. I. GONZÁLEZ FAUS, *op. cit.*, p. 99: "Ultimamente hemos asistido a un espectacular descubrimiento de Mt 25,31ss, en donde el encuentro del hombre con Dios pasa a través de la identidad entre el Señor y el hermano encarcelado, hambriento o desnudo. Pero conviene notar ahora

O que os fiéis das CEBs buscam é viver a caridade impulsionados pelo dinamismo da caridade. Fazem o bem porque é bom fazer o bem. Considerados como rudes e ignorantes, menosprezados pelos poderosos, servem despreziosamente aos "pequenininhos", a todos os necessitados, sejam eles católicos ou não. A situação de homens nus, famintos, doentes, sem direitos e sem proteção, sem liberdade, oprimidos, é a situação "normal" entre os pobres das CEBs. Servindo aos irmãos pobres, os cristãos das CEBs proclamam eficazmente a Boa-nova da libertação dos pobres. Por isso, no fim dos tempos, revelar-se-á, nas suas obras, a realidade do Reino, agora oculto (talvez até aos seus próprios olhos), mas realmente presente.

### 5. *Evangelho segundo Paulo e CEBs*

A leitura dos dados sobre a pobreza e a marginalização dos cristãos que formam as CEBs<sup>88</sup> traz-nos imediatamente à mente a passagem de 1 Cor 1, 17-31, onde Paulo contrapõe a sabedoria de Deus e a sabedoria deste mundo. A comunidade fundada por Paulo no porto cosmopolita e densamente povoada de Corinto durante ano e meio de pregação era constituída na sua maioria por cristãos que pertenciam às camadas mais humildes da população, embora houvesse também gente mais abastada (ver 1, 16; 11, 17-34).<sup>89</sup> Igualmente, entre os que acolhem hoje no Brasil o chamado de Deus e passam a fazer parte das CEBs "não há muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de famílias prestigiosas" (1 Cor 1,26). Os fiéis que as formam pertencem ao povo e esquecido do interior e das periferias das cidades. *No interior*: Colonos pobres, pequenos proprietários, imigrantes vindos de outras regiões, meeiros, trabalhadores braçais nas lavouras e nas carvoeiras, peões nas fazendas de gado; cultivando com meios rudimentares e primitivos uma agricultura de subsistência; na grande maioria analfabetos. *Nos subúrbios*:

---

que el capítulo 25 de Mateo no está solo. Si él nos ha conservado el contenido positivo de lo que vale en el juicio, la fuente Q nos conservado otra indicación sobre su contenido negativo: sobre lo que no vale para el juicio (Mt 7, 21-23 y Lc 13, 25-28). En aquel día muchos esbri miran un serie de credenciales aparentemente impresionantes. Pero ni la posición privilegiada (Lucas) ni las obras maravillosas (Mateo) servirán de nada. Unos y otros escucharán: apartaos de Mí los que practicáis da delincuencia. El concepto se ha invertido: la delincuencia resulta estar de parte de quienes estaban en posición de intachables. La Iglesia hará bien en preguntarse si estas palabras del Evangelio no la condenan a ella misma y si — frente a la generosidad impresionante de algunos que, sin embargo, no creen — no será ella que diga: predicaste en nuestras plazas e hicimos milagres en tu nombre...".

88. Ver acima, II.

89. Ver G. THEISSEN, *Soziale Schichtung in der korinthischen Gemeinde*. Ein Beitrag zur Soziologie des hellenistischen Urchristentums, em *Zeitschrift f. die neutest. Wissenschaft* 65 (1974, 3-4) 232-272.

favelados dos morros e dos mangues, dos altos e dos córregos; subempregados, biscateiros, desempregados; pequenos assalariados, pequenos comerciantes, pequenos funcionários; operários de construções, desde serventes de pedreiro até mecânicos, passando por encanadores e eletricitistas; empregadas domésticas, lavadeiras, costureiras.

É no coração e no meio social desses homens e mulheres, velhos e crianças, jovens e adultos, que é plantada a semente do Evangelho. E a semente produz frutos porque é uma terra boa para o Evangelho. E a semente desses frutos faz florescer novas comunidades de pobres que, por sua vez, produzem novos frutos da mesma espécie evangélica. Que Evangelho é esse? O mesmo que Paulo pregava em Corinto. O Evangelho do poder e da sabedoria de Deus que se manifesta na cruz de Cristo; o Evangelho que é loucura e escândalo intolerável para os grandes e poderosos, para os sábios e justos "deste mundo"; o Evangelho que salva destruindo até o aniquilamento a força dos fortes, o poder dos poderosos, a justiça dos justos, a sabedoria dos sábios e a inteligência dos inteligentes, tornando-as tolice e estupidez aos olhos de Deus (ver 1 Cor, 1, 17-20). Porque "aprouve a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que crêem" (v. 21). "Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens" (v. 25). Os que crêem neste Evangelho e se salvam são os que se abrem ao poder de Deus confessando sua insuficiência e pobreza, os que descobrem o paradoxo da graça, da sabedoria e do poder de Deus que se manifesta na cruz de Cristo. Paulo vê na cruz de Cristo o símbolo fundamental da salvação operada pelo poder de Deus. Ela é ao mesmo tempo o símbolo e o caminho da realidade e da realização do Reino. A cruz expressa, em densidade máxima, o evangelho segundo Paulo.<sup>90</sup> Paulo não fala nunca expressamente do Reino de Deus como conteúdo do Evangelho, mas o Evangelho que ele anuncia é justamente a proclamação da manifestação, da realidade operante do poder de Deus, de sua justiça salvadora no acontecimento Jesus-Cristo e na fé dos que o acolhem. O "já" do Reino é para Paulo uma realidade presente e futura que, pelo poder, pela justiça e pela misericórdia de Deus em Jesus Cristo, opera na *Ekklesia*, no povo messiânico.

Na existência e na irradiação das CEBs manifesta-se mais uma vez que os meios usados por Deus para levar os homens à salva-

---

90. O substantivo *euangélion*, que se encontra 60 vezes nos escritos paulinos, tem dois sentidos: a ação de evangelizar e o conteúdo da evangelização. O primeiro aspecto é amplamente exposto (infelizmente de modo demasiado unilateral, chegando a absolutizá-lo) por R. CABELLO, *El concepto de evangelización*, em *Servir* 11 (1975), n.º 55, pp. 30-44.

ção não são os do poder, da sabedoria, do prestígio, mas são os da pobreza, da fragilidade, da impotência mais radical aos olhos "deste mundo". Esta loucura da cruz continua manifestando-se no anúncio do Evangelho aos pobres e no seu acolhimento pelos pobres. Os pobres, os marginalizados, os que não têm vez nem voz diante dos grandes deste mundo, acolhem o Evangelho porque eles foram escolhidos por Deus. É impressionante a insistência de Paulo nesta eleição paradoxal: "O que é loucura no mundo,<sup>91</sup> Deus o escolheu para confundir os sábios; e, o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus o escolheu para reduzir à ineficácia o que é" (vv. 27-28).<sup>92</sup> "Ora, é por ele que vós sois Cristo Jesus, que se tornou para nós sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e redenção" (v. 30). "Ser em Jesus Cristo" tem aqui sentido enfático: os que eram e são considerados pelo "mundo" como "vis e desprezados" (v. 28), tornam-se, pela eleição de Deus, os portadores da nova existência em Jesus Cristo, os únicos que realmente existem, a única forma de existência que tem consistência. "O homem novo não será feito pelas potências que se apossaram do mundo. Ele surgirá do homem comum sem poder. Pelo menos é o que quer dizer a fé cristã. O papel do cristianismo consiste em refazer o homem a partir da base, em reconstruir a partir daquilo que é mais fraco e desprovido".<sup>93</sup> Nos relatórios das CEBs que estamos estudando se delineiam já os traços mais fundamentais do homem novo, da humanidade nova.

---

91. O termo "louco" é usado aqui no sentido pejorativo de tolice, estupidez, que lhe dão os sábios e inteligentes "deste mundo", e significa concretamente os simples, os rudes, os ignorantes (Em outra perspectiva voltaremos sobre este tema no item seguinte).

92. A esta teologia do paradoxo da graça salvadora de Deus em Jesus Cristo pertence também o texto de 2 Cor 12,7-10, onde Paulo formula a lei de toda evangelização, agora desde o ponto de vista da pobreza, da fragilidade do apóstolo. Seja qual for o significado que tinha concretamente para Paulo, o "agulhão na carne" era visto por ele como um obstáculo para a evangelização. Torna-se assim o símbolo da impotência radical experimentada por Paulo na sua missão de evangelizador, o símbolo de todas as provações físicas e morais que ele sofre por causa do Evangelho: fraquezas, opróbrios, necessidades, perseguições, torturas, assaltos, desastres, angústias etc., algumas das quais são enumeradas em 2 Cor 11,23-29; 4,7-12; 6,4-10; 1 Cor 4,9-13 (Ver S. LYONNET, *Initiation à la Doctrine Spirituelle de Saint Paul*, Toulouse 1963, pp. 5-8). "Mas é precisamente quando o apóstolo experimenta mais profundamente sua fraqueza, que o poder mesmo de Cristo 'repousa sobre ele', como outrora a Glória de Iavé 'repousava' sobre a arca da aliança, sinal da habitação de Deus no meio do seu povo (Ex 40,34-35; Num 9,18.22), como o Verbo veio 'habitar entre nós': no apóstolo despojado de todo apoio humano, forte de sua fraqueza, 'encarna-se' por assim dizer o poder mesmo de Cristo" (*Ibid.*, p. 7).

93. J. COMBLIN, *art. cit.*, p. 463.

O objetivo supremo das CEBs não é fazer seus membros ricos, a produção de bens; mas a criação de valores não contábeis, de formas de relacionamento e de convivência humana que correspondam à dignidade cristã do homem. Todos participam ativa e conscientemente na eleição dos fins e nas tarefas necessárias para alcançar esses fins. Concebidos como serviço comunitário, os trabalhos feitos pela comunidade são realmente para a comunidade e não só para alguns.

As 44 CEBs rurais de Barreirinhas<sup>94</sup> são um testemunho impressionante da atualidade do "Evangelho segundo Paulo", do Evangelho que é força de Deus na fraqueza dos homens. Os cristãos que agora fazem parte dessas comunidades foram sempre considerados pelos fiéis da sede como ignorantes, incapazes de pensar, menosprezados quase como inumanos. Hoje eles são uma interpretação permanente, dolorosa, desconcertante, escandalosa para os cristãos da sede:

"Todos os dias, membros dessas 44 CEBs passam pelas ruas da sede. Falam de seus cultos, debates, trabalhos comunitários, visitas apostólicas, círculos bíblicos. Manifestam entusiasmo na fé. Provocam admiração por alguns de seus gestos heróicos, contádos com a maior simplicidade, como por exemplo: percorrer centenas de quilômetros a pé, atravessando rios a nado, e andar de povoado em povoado para explicar a forma de CEB da Igreja; juntar representantes voluntários de 5 CEBs para visitar uma outra CEB da vizinhança, dividida em duas facções opostas, para ajudá-la a descobrir o caminho de sua unidade e paz; enfrentar o escândalo em seu próprio meio e criar uma solução, perseverando em debates e orações comuns; comparecer em massa para eleger a diretoria do sindicato rural, apesar da organização de um aparelho policial aterrorizador etc."<sup>95</sup>

Os outrora desprezados interpelam hoje seus mestres de ontem por suas numerosas e grandes realizações de fé, pela sua esperança, perseverança, dinamismo criador que os vão libertando de um estado de marginalização social, econômica, cultural e religiosa considerada constitucional, fatal, irremediável. Os pobres das CEBs do campo e de algumas aldeias de pescadores de Barreirinhas dão testemunho da força e da eficácia libertadora do Evangelho, mais por estes seus gestos e ações do que palavras.<sup>96</sup> Os fiéis da sede são "julgados", entram em "crise" (e ficam desorientados, desconcertados, sem saber como sair dela) pela existência e ação evangélicas e evangelizadoras das CEBs rurais. Neste contexto, "a Igreja-

---

94. Ver SEDOC, novembro 1976, col. 524-535.

95. *Ibid.*, col. 527.

96. "É uma interpelação humilde, sem pretensão, quase inconsciente, sobretudo uma interpelação originada de atuações concretas" (*ibid.*, col. 529).

-dita-tradicional não perdoa à Igreja-dita-Vaticano II sua condição humilde e desprezada que levou à perda do poder".<sup>97</sup> De fato, a Igreja hoje em Barreirinhas não tem mais o poder, a influência, o prestígio social que tinha outrora; o que desorienta completamente os cristãos da sede deixando-os sem capacidade de iniciativa.

"Sem suspeitá-lo e portanto sem intenção consciente, só por compartilhar abertamente sua fé, cada CEB opera em seu povoado respectivo uma verdadeira revolução. Os membros, reunidos em assembléias autônomas, sem a presença do padre, chegam à alegria da descoberta da Verdade e, por ela, da Liberdade e do Amor. Lêem a Bíblia no culto e fora dele. Dela tiram histórias divinas, princípios de alta sabedoria, os mistérios de Cristo e sua visão do Reino, debatem juntos sobre esses tesouros, em confronto com o drama de sua vida humana cotidiana, e assim se opera a primeira revolução, pentecostal: cada qual passa de um saber recebido a um saber descoberto. De uma maneira estupenda, revela-se a si próprio: sua personalidade, sua capacidade de ação livre, até seu dever de criar a história, sempre graças à experiência de um saber descoberto e verbalizado".<sup>98</sup>

O autor do relatório vê com lucidez a fragilidade econômica das CEBs rurais de Barreirinhas. Inseridas num contexto sócio-econômico mais amplo, sobre o qual elas não têm poder, estão provavelmente condenadas à morte. "A não ser que aconteça um milagre...".

"As CEBs no campo são extremamente vulneráveis. São fracas, ontologicamente. Pois: ou são vizinhos desesperados que se juntam numa última tentativa de sobrevivência no lugar de origem, ou, como disso testemunham os próprios membros das CEBs, é obra de Deus. De qualquer forma, por si não têm existência e consistência firmes". — "Esses cristãos do campo vivem um milagre. Por uma intervenção especial de Deus, eles, tão fracos e humildes — afastam-se os ricos e os poderosos — enfrentam uma situação global impossível e, no entanto, progridem. Despojados de todo recurso: cultural, social, econômico, político, porém com debate amplo e contínuo, ligados por um amor forte, sólidos na fé e invocando explicitamente o nome de Cristo, com muito trabalho atacam sua própria miséria, talvez a mais profunda do Brasil". — "O mundo das 44 CEBs, o campo de Barreirinhas está provavelmente condenado à morte. Não tem condições sócio-econômicas e culturais para sobreviver à invasão da civilização capitalista que se impõe brutalmente... Não tem capital, recursos, voz na sociedade, técnica de cultivo da terra... As 44 CEBs morrerão... A não ser que haja um milagre...".<sup>99</sup>

---

97. *Ibid.*, col. 527.

98. *Ibid.*, col. 528.

99. *Ibid.*, col. 531, 533 e 534. A última frase, com suas reticências "A não ser que haja um milagre...", queremos acrescentar a profissão

“Esta perspectiva — com esta angústia e com esta bem-aventurança termina o relatório — traz à memória a lembrança de Jesus Cristo, suprimido pelo poder de sua época, e da comunidade primitiva de Jerusalém, dispersa pela perseguição, a da Igreja de Santo Agostinho, Hipona, aniquilada pelos bárbaros. Talvez as 44 CEBs sejam arrazadas por furioso turbilhão e seus restos lançados aos quatro rincões deste gigantesco país, o Brasil, para outras sementes e outras colheitas — o que não diminuiria a culpa da sociedade contemporânea. — Entretanto, como tantas outras Igrejas de hoje e de ontem, as 44 estão escrevendo em sua carne e em seu sangue o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo Barreirinhas, e bem-aventurados os que o lerão com fé e devoção”.<sup>100</sup>

São poucas as comunidades que receberam a graça de um “evangelista” para anunciar aos que estão longe a força e a eficácia do Evangelho do Messias libertador. Mas o importante é o fato que esse Evangelho existe e, enquanto os ricos e poderosos se fecham a ele, os pobres o acolhem.<sup>101</sup> Estes fatos nos mostram que “a mensagem evangélica... comporta uma sabedoria que não é deste mundo. Ela é capaz, por si mesma, de suscitar a fé, uma fé que se apóia na potência de Deus (1 Cor 2, 5)”.<sup>102</sup> O evangelho segundo Paulo de Tarso, reafirmado por Paulo VI, está sendo ouvido pelos pobres das CEBs e opera maravilhas nas suas vidas.

---

de fé do mártir da Justiça e da Caridade Pe. João Bosco Penido Burnier, contida numa carta escrita uma semana antes do seu martírio, e lida por Dom Paulo Evaristo Arns na missa de 7.º dia: “Nesse mundo de medo e de força, será um milagre mesmo se afinal vencer a Justiça. Mas os milagres existem” (O Estado de S. Paulo, 20-X-76).

100. *Ibid.*, col. 534ss.

101. “Afeitas à discriminação de classes, as pessoas que gozam de ‘status social’ recusam-se a ‘fazer liga’ com os desclassificados...” (GO 1, G). — A classe mais alta da Prelazia do Acre e Purus não está disposta a aceitar essa Igreja particular que tomou claramente a opção de “defender segundo o mandato evangélico, o direito dos fracos e dos oprimidos” (Dom M. GRECCHI, *art. cit.*, p. 907), porque tem medo de perder os próprios privilégios (ver *ibid.*, p. 906). O mesmo fenômeno dá-se nas CEBs de São Mateus (MA): A Igreja é freqüentada por um pequeno número, na sua totalidade povo humilde, enquanto as autoridades e o pessoal de um certo nível social fica afastada (Ver SEDOC, novembro 1976, col. 559). — O mesmo Evangelho anunciado por Paulo, que é força de Deus na fraqueza humana, é vivido nas comunidades da paróquia homônima, agora no ES: “A classe mais rica e mais ‘alta’ não aceita se misturar com a classe mais humilde” (SEDOC, maio 1975, col. 1094); “quanto mais um grupo ia crescendo na capacidade de criticar e assumir, tanto mais os ‘sábios’, as pessoas de nível cultural e econômico mais elevado, se afastavam para dar lugar aos ‘Zé-ninguém’” (SEDOC, novembro 1976, col. 464).

102. EN, 2.

#### IV. COMO SE REALIZA NAS CEBS A BOA-NOVA DO REINO PROCLAMADA POR JESUS

##### 1. O que foi feito da esperança dos pobres?

O núcleo central, dinamizador e estruturador, da mensagem de Jesus é o anúncio da vida do Reino: "Jesus veio para a Galiléia proclamando o Evangelho de Deus: Chegou a plenitude dos tempos e o Reino de Deus está próximo. Convertet-vos e crede no Evangelho" (Mc 1, 14-14). No Evangelho de Lucas Jesus mesmo identifica sua missão com a proclamação da Boa-nova do Reino de Deus: "Devo anunciar também a outras cidades a Boa-nova do Reino de Deus, pois é para isso que fui enviado" (Lc 4, 43; ver também 8, 1 e textos paralelos). Esta missão de Jesus que se explicita no seu ministério público com palavras e sinais, estende-se a toda a sua vida, desde o nascimento até à morte. Por isso o seu nascimento já é um *Euangéliion* uma Boa-nova de grande alegria para todo o povo (Lc 2, 10). Como foi mostrado acima, Jesus considera o traço mais característico da sua missão a proclamação e a realização, por palavras e sinais, da libertação dos pobres. No primeiro número do primeiro capítulo da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, Paulo VI comenta e sintetiza o testemunho de Jesus sobre sua missão tal como é expressada em Lc 4, 43 e 4, 18 com essas palavras: "Andar de cidade em cidade e proclamar, sobretudo aos mais pobres, e muitas vezes os mais bem dispostos para o acolher, o alegre anúncio da realização das promessas e da Aliança feitas por Deus, tal é a missão para a qual Jesus declara ter sido enviado pelo Pai" (EN 6). Um pouco mais adiante, ao tentar "exprimir o objetivo, o conteúdo e os modos de evangelização tal como Jesus a concebia e a pôs em prática" (EN 7), Paulo VI escreve: "entre todos os demais, há um sinal a que ele reconhece uma grande importância: os pequeninos, os pobres são evangelizados, tornam-se seus discípulos, reúnem-se 'em Seu Nome' na grande comunidade daquele que acreditam nele" (EN 12).

O que foi feito, depois de 20 séculos, da libertação dos pobres? O anúncio do Evangelho do Reino pode ser ainda hoje, como foi na pregação de Jesus, a Boa-nova para os oprimidos social e economicamente? Pode ser anunciada aos pobres, aos pobres de fato, aos que sofrem a opressão injusta dos ricos, dos poderosos e dos violentos, a vinda do Reino de Deus como a Boa-nova que traz efetivamente o fim de seus sofrimentos? Esta pergunta é grave, a mais grave que se pode fazer ao cristianismo depois de 20 séculos de história, porque ela arranca do que constitui o coração mesmo do Evangelho de Jesus. Os oráculos do Livro da Consolação de Isaías,

que se tornaram "hoje" na pessoa e na missão de Jesus, continuam realizando-se na história dos que acolhem sua mensagem e se tornam seus discípulos? São os pobres, de fato, o que inalienavelmente eles são por direito evangélico: os destinatários privilegiados do Reino? Podem eles ser verdadeiramente evangelizados, isto é, pode ser-lhes anunciada, veraz e eficazmente, a Boa-nova de libertação?

## 2. *A pobreza: um ideal ou um mal? Resposta a uma questão prévia*

Antes de passar adiante, para não entrar pelo caminho sem saída de uma interpretação idealizante e moralizante da Boa-nova anunciada aos pobres, é necessário deter-se uns momentos para responder à questão: A pobreza é um ideal ou um mal?

Ao longo de toda a Bíblia é mantida uma tensão dialética entre dois aspectos da pobreza: por um lado ela é um fato escandaloso, intolerável, para a justiça e a misericórdia de Deus; por outro lado ela é um estado privilegiado para o encontro com Deus, para a abertura a Deus e a confiança em Deus.<sup>103</sup> É evidente que a pobreza sócio-econômica que humilha, que profana a dignidade dos pobres, é ofensiva e intolerável para a justiça e a misericórdia de Deus. Deus não pode e não quer tolerar que o pobre, que é sua imagem, com o qual se identifica de modo real Jesus, o Messias, seja oprimido, explorado, injustiçado.

A pobreza dos pobres, no sentido forte da expressão bíblica, é fruto e manifestação do pecado. Como lutar contra essa pobreza, que é um mal por ser fruto do pecado? Como entrar na dinâmica da tensão dialética, testemunhada pela Bíblia, segundo a qual a pobreza é ao mesmo tempo intolerável para Deus e caminho para o encontro com Deus? Há uma série de tentativas de resposta convergentes: "A pobreza somente se cura por atitudes de pobreza. É uma enfermidade que requer tratamento homeopático".<sup>104</sup> A pobreza "como virtude evangélica, é o rosto visível e acessível do serviço humano em favor dos que sofrem opressão e fome, é a única veste possível para transformar coletivamente a família humana".<sup>105</sup> G. Gutiérrez busca a síntese concebendo a pobreza como "um compromisso de solidariedade e protesto".<sup>106</sup> A pobreza, quan-

---

103. Ver o estudo de J. M. GONZÁLEZ RUIZ, *Pobreza evangélica e promoção humana*, Petrópolis 1970, onde é exposta esta tensão dialética inerente à teologia bíblica da pobreza.

104. *Ibid.*, p. 99.

105. A. C. COMÍN no prólogo ao estudo citado de J. M. GONZÁLEZ RUIZ, p. 10.

106. Ver *Teología de la liberación*, Salamanca, 1972, pp. 369-386, esp. 381ss.

do é assumida voluntariamente na linha do “esvaziamento” de Cristo (Fl 2, 6-11) e por amor a Ele, “é um ato de amor e de libertação. Tem um valor redentor”.<sup>107</sup>

No seu artigo “Os pobres e a pobreza nos Evangelhos e nos Atos”, J. Dupont mostra de maneira convincente que a pobreza, tal como é descrita indiretamente nos Evangelhos e nos Atos quando falam dos pobres, não é nem pode ser um ideal; é um mal ao qual é necessário pôr fim. Com efeito: 1.º O termo pobre (ou pobres = *ptôchói*), em 21 sobre 26 casos significa gente necessitada de ajuda material. A pobreza, por conseguinte, não é um ideal; é um mal cujas vítimas é preciso socorrer. O ideal proposto aos discípulos de Cristo, a todos os cristãos, não é a pobreza em si mesma, mas o exercício da caridade, o amor vivido, para que não haja pobreza no sentido forte do conceito bíblico.<sup>108</sup> O Evangelho vivido radical e comunitariamente leva à supressão eficaz do escândalo da pobreza sócio-econômica. 2.º Na mesma direção aponta o ideal dos “sumários” dos Atos (2, 42-47; 4, 32-35).<sup>109</sup> A comunidade ideal é aquela na qual cada um se sente solidário de todos, onde cada um tem o necessário para satisfazer suas necessidades. Depois de estudar estes textos, J. Dupont chega à seguinte conclusão: “... O ideal proposto por Lucas nas suas descrições da comunidade primitiva não é a pobreza nem o despreendimento, mas um ideal mais simples e mais profundo: a caridade fraterna. Ele se traduz não em amor da pobreza, mas em amor dos pobres; ele impulsiona, não a tornar-se pobre, mas a estar atento para que ninguém esteja em necessidade”.<sup>110</sup> Se entendemos, por conseguinte, o termo “pobre” no sentido forte que lhe dá a Bíblia, a comunidade primitiva de Jerusalém não era nem pretendia ser uma “Igreja pobre” nem menos ainda uma “Igreja dos pobres”, mas justamente todo o contrário: uma comunidade que supera, pelo amor vivido e operante entre seus membros, as injustiças na posse dos bens materiais que geram a pobreza. 3.º Que a situação de sofrimento e opressão dos pobres aos quais Jesus anuncia a Boa-nova do Reino não é um ideal nem pode de forma alguma ser idealizada como já

---

107. *Ibid.*, p. 383. “Si la causa última de la explotación y alienación del hombre es el egoísmo, la razón profunda de la pobreza voluntaria es el amor al prójimo. La pobreza cristiana no puede, entonces, tener sentido sino como un compromiso de solidaridad con los pobres, con aquellos que sufren miseria e injusticia, a fin de testimoniar del mal que éstas — fruto del pecado, ruptura de comunión — representan. No se trata de idealizar la pobreza sino, por el contrario, de asumirla como lo que es: como un mal; para protestar contra ella y esforzarse por abolirla. Como dice P. Ricoeur, no se está realmente con los pobres sino luchando contra la pobreza” (*Ibid.*).

108. Ver J. DUPONT, *Les pauvres et la pauvreté...*, pp. 38-40.

109. Ver *ibid.*, pp. 41-45.

110. *Ibid.*, p. 45.

foi mostrado acima: essa situação é intolerável para a justiça e a misericórdia de Deus e, por isso mesmo, Deus se decidiu a acabar com ela. A "mensagem" que nos é dirigida a nós hoje, ao ouvirmos a proclamação da Boa-nova do Reino de Deus aos pobres, é que devemos amar os pobres como Deus os ama: com um amor de predileção que os liberte concretamente, historicamente, da opressão injusta que eles sofrem. Quem não luta para pôr fim ao sofrimento dos pobres engajando-se na sua libertação, situa-se à margem e contra o designio salvífico de Deus.

### 3. *Missão da Igreja como continuadora da missão de Jesus, o Messias dos pobres*

A missão da Igreja é continuar, ao longo da história, a missão de Jesus, o Messias dos pobres.<sup>111</sup> Se quer ser fiel à missão que lhe foi confiada, tem que anunciar a Boa-nova da libertação dos pobres como o que ela é: o centro de sua mensagem. Omitir-se neste anúncio, é trair sua missão.

No Concílio Vaticano II, a Igreja reconheceu suas deficiências também neste campo, embora, talvez, demasiado timidamente: A Igreja "não ignora de modo algum que não faltaram entre seus membros, clérigos e leigos, ao longo de sua prolongada história, os que foram infiéis aos Espírito de Deus. Também em nossos tempos não ignora a Igreja quanto se distanciam entre si a mensagem que ela profere e a fraqueza humana daqueles aos quais o Evangelho foi confiado. Seja qual for o juízo que a história pronunciar sobre estes defeitos, devemos estar conscientes deles, combatê-los vigorosamente, para que eles não tragam prejuízo à difusão do Evangelho... Guiada pelo Espírito Santo, a Mãe Igreja exorta os seus filhos incansavelmente à purificação e renovação, para que o sinal de Cristo brilhe mais claramente sobre a face da Igreja".<sup>112</sup>

Com este espírito de conversão e de renovação a CNBB, dirigindo-se precisamente ao povo simples, à "gente das comunidades de base e dos grupos de reflexão", confessa: "ouve um tempo em que nossas pregações ao povo aconselhavam sobretudo paciência e resignação. Hoje, sem deixar de fazê-lo, nossa palavra se dirige também aos grandes e poderosos para apontar-lhes suas responsabilidades pelos sofrimentos do povo".<sup>113</sup> "A Igreja tem procurado

---

111. "O sinal [de sua origem divina] que a Igreja dará ao mundo não pode ser diferente do que Jesus mesmo deu, definindo-se como o enviado de Deus para levar a Boa-nova aos pobres" (J. DUPONT, *A Igreja e a Pobreza*, p. 444).

112. Constituição pastoral *Gaudium et spes*, 43,6.

113. *Comunicação Pastoral ao Povo de Deus*, elaborada e aprovada

tomar a defesa dos direitos do fraco, do pobre, do índio, da criança que vai nascer. Mas hoje reclama para o povo não mais a esmola das sobras que caem da mesa dos ricos, mas uma repartição mais justa dos bens".<sup>114</sup>

"A Igreja deve seguir o exemplo de Cristo. Ela não pode excluir ninguém e deve oferecer a todos, grandes e pequenos, os meios de salvação que recebeu de Cristo. Mas sua opção e seus prediletos são os fracos e os oprimidos. Não pode ficar indiferente à espoliação do índio expulso de suas terras, à destruição de sua cultura. Não pode fechar os olhos ante a grave situação de insegurança em que vivem os pequenos, ante a fome dos pobres e a desnutrição das crianças. Não pode ignorar os desenraizados, os migrantes que buscam novas oportunidades, e que somente encontram abrigo debaixo dos viadutos ou se aninham nos arredores das grandes cidades. Cristo se faz presente e visível nestas pessoas. Maltratá-las é maltratar a Cristo".<sup>115</sup>

A fundamentação que a "Comunicação Pastoral ao Povo de Deus" apresenta da opção da Igreja pelos fracos e oprimidos, por todos aqueles que "não têm voz nem vez" na sociedade, é genuinamente bíblica:<sup>116</sup>

"São os pobres, os indefesos que enchem as cadeias, as delegacias, onde as torturas são freqüentes em vítimas que aí se encontram sob a acusação de não trazerem documentos de identidade, ou presos durante o 'arrastão' das batidas policiais. Somente pobres são acusados e presos por vadiagem. — Para os poderosos, a situação é bem diferente. Há criminosos que não são punidos, porque protegidos pelo poder do dinheiro, pelo prestígio e pela influência na sociedade que acoberta e, portanto, é cúmplice deste tipo de injustiça. — Esse duplo tratamento parece sugerir que, em nossa sociedade, só, ou acima de tudo, o dinheiro, e não o ser gente, é fonte de direito. Na Assembléia da Ordem dos Advogados, reunida nestes dias na Bahia, foi expressa a preocupação dos próprios advogados com esse estado de coisas, ao ser lembrado que: "o direito penal é o direito dos pobres, não porque os tutele e proteja, mas sim porque sobre eles, exclusivamente, faz pesar sua força e seu rigor".<sup>117</sup>

"... as grandes empresas, aparelhadas com recursos jurídicos e financeiros, acabam com os pequenos proprietários, expulsando os indígenas e posseiros de suas terras. — Estes pequenos proprietários, sítiantes e posseiros, com dificuldade até para obter uma carteira de identidade, não conseguem documentar a posse da terra, ou fazer valer, perante a Justiça, os seus

---

pela Comissão Representativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a 25 de outubro de 1976, p. 16. Citamos este documento seguindo a separada do "Comunicado Mensal da CNBB" de outubro de 1976.

114. *Ibid.*

115. *Ibid.*, p. 15.

116. Ver acima III, 1 e 2.

117. *Comunicação Pastoral...*, pp. 9-10.

direitos de usocapião. — São, então, expulsos das terras, tangidos para mais longe, até para países vizinhos, ou transformados em novos nômades destinados a vagar pelas estradas do País".<sup>118</sup>

Para ser fiel à sua missão, a Igreja não pode, contudo, limitar-se a uma proclamação meramente verbal da Boa-nova do Reino aos pobres e a denunciar o que está em contradição flagrante com ela. Além do *anúncio* e da *denúncia*, sempre necessários, a Igreja tem que realizar *gestos e fatos* de libertação: como Jesus, que, no seu ministério, proclamava a Boa-nova do Reino não só com palavras, mas também com ações que eram "sinais", "provas", da presença da justiça e da misericórdia de Deus entre os homens. Na pregação de Jesus o Reino não é anunciado como futuro extraterreno, mas como realidade já presente e atuante na história.<sup>119</sup>

#### 4. "*Sinais*" da presença do Reino entre os pobres das CEBs

O desígnio salvífico de Deus, revelado definitivamente em Jesus Cristo, continua manifestando-se e concretizando-se historicamente como salvação e libertação, misericórdia e consolação para os pobres e infelizes, na medida em que a Igreja, povo messiânico e sacramento da salvação, realiza, movida pelo Espírito do Senhor, ações e sinais de justiça, de misericórdia, de amor para os que não têm o que comer, o que vestir, onde morar, para com todos os indigentes, oprimidos e infelizes, sejam eles seus membros pela fé e pelo batismo ou encontrem-se fora de suas fronteiras visíveis. Isto é o que está acontecendo atualmente em milhares de CEBs espalhadas ao largo e ao longo deste imenso país. Os cristãos pobres que as formam vivem a fé e a esperança na vinda do Reino lutando, com os meios pobres mas sempre eficazes do Evangelho, para superar as situações de dependência, de opressão e até de miséria em que se encontram. A Igreja, que eles são, manifesta eficazmente a presença do Reino entre os homens quando o povo pobre, despojado e abandonado dessas comunidades é acolhido na igreja como na sua própria casa; quando os pobres que formam essas comunidades se conscientizam de que são eles os filhos do Reino e de qual é a natureza desse Reino: um Reino de verdade e de justiça, de amor e de paz; quando esses pobres, acolhendo a Boa-nova, são urgidos pela fé, pela esperança e pelo amor, para realizar, no lugar em que se encontram, gestos e ações concretas

118. *Ibid.*, pp. 10-11.

119. Para uma reflexão mais ampla sobre este tema, a partir também da teologia de Paulo, pode ver-se J. V. FIXLEY, *El Reino de Dios: ¿Buenas Nuevas para los pobres de América Latina?*, em Cuadernos de Teología 4 (1976), pp. 77-103.

de justiça, de libertação, de salvação. Eis alguns exemplos de como é acolhida, vivida e testemunhada a Boa-nova do Reino proclamada aos pobres nas CEBs:

Os cristãos das CEBs de Linhares (ES) questionam-se séria e comunitariamente, à luz do Evangelho, sobre os problemas concretos que eles vivem. A palavra de Deus é a força que os move a enfrentar esses problemas que os impedem viver com a dignidade de filhos de Deus.<sup>120</sup> Na comunidade do Espírito Santo, composta de 40 famílias, todas de pretos, há cinco grupos de reflexão que se reúnem semanalmente nas casas para refletir, à luz da Bíblia, sobre os problemas de sua vida.<sup>121</sup>

O Evangelho, Boa-nova da libertação, foi usado não poucas vezes, ao longo da história da Igreja, como meio de opressão dos pobres. Uma comunidade de pobres que se conscientizou de sua situação à luz do Evangelho, expressa-se assim: "Ninguém nasceu para morrer. Precisamos sair de uma religião do medo para uma religião de salvação. De uma religião de opressão para uma religião de crescimento".<sup>122</sup> Na mesma linha, com referência mais explícita à ação do Espírito na Comunidade e ao seu fruto, a união, situa-se o seguinte testemunho: "Este trabalho está dando maior união aqui e fora. Hoje a gente vê que dá para fazer algo, perdi o medo. A gente aprende a se defender em contacto com os outros. Não sei como se faz, mas a gente faz tanta coisa sem saber de nada. Sente-se a força do Espírito Santo".<sup>123</sup>

Na assembléia da diocese de Goiás surgiu a consciência de "uma Igreja pobre para os pobres". Optou-se pela "evangelização dos marginalizados através de uma conscientização da fé". Esta conscientização dos problemas reais do povo concreto que vive na área da diocese, nutre e estimula a procura comunitária do Evangelho,<sup>124</sup> e expressa-se um ano mais tarde numa reunião de revisão nestes termos: "A opção pelos marginalizados progressivamente evolui para uma opção contra o sistema de marginalização". Na medida em que o povo descobre sua "desclassificação" social, desperta para uma consciência de classe que se exprime de vários modos, nas atitudes e nas palavras.<sup>125</sup> "A descoberta do Evangelho coincide com a descoberta da união e seu valor a partir da vontade do Pai e da mensagem de Jesus". Joaquim, um semianalfabeto com fibra de profeta expressa assim a força da união e da esperança dos pobres: "O mais principal é a pessoa acreditar nela, porque nós,

---

120. Ver SEDOC, maio 1975, col. 1083ss.

121. Ver SEDOC, novembro 1976, col. 465.

122. SEDOC, maio 1975, col. 1068.

123. SEDOC, novembro 1976, col. 563.

124. SEDOC, maio 1975, col. 1102.

125. Ver SEDOC, novembro 1976, col. 523.

pobres, nascemos e crescemos só acreditando nos outros". Esta união, descoberta nas CEBs no encontro com o Evangelho, não é uma união fechada, egoísta, de *ghetto*, mas uma união aberta, dinâmica, libertadora, que se põe ao serviço dos outros. É o que expressa no mesmo relatório essa frase de um lavrador: "Tudo o que nós faz pelo outro e vem do amor do próximo Deus agradece e pertence à pastoral"; completada por esta outra: "O bom deste nosso movimento é que nós se sente gente no meio de gente".<sup>126</sup>

A novidade libertadora do Evangelho, que, quando é descoberto "como o que ele é", cria naqueles que o acolhem uma nova consciência e novas atitudes, manifesta-se neste depoimento das CEBs de São Mateus (ES): A atitude geral do povo nas 70 comunidades da paróquia antes de empreender a caminhada era de aceitação e submissão diante das famílias importantes que se serviam do prestígio e da força para oprimir os pobres: "Alguns, os ricos, têm que mandar; os outros, os pobres..., têm que obedecer". Ao longo da caminhada os pobres descobrem o Evangelho como o que ele é: a Boa-nova proclamada aos pobres. Esta descoberta é uma fonte de alegria e de energia que brota do seio da comunidade onde o Evangelho é ouvido e obedecido, que edifica a comunidade e que se irradia para além de suas fronteiras.<sup>127</sup> No relatório de Itabira descreve-se a realização do projeto habitacional, levado a cabo aos domingos por sistema de mutirão, onde até as crianças colaboram num clima de solidariedade, criatividade, fraternidade e alegria. As dificuldades não foram poucas, mas foram superadas. "Neste ponto estamos felizes, pois não nos interessa apenas o teto para as pessoas; o objetivo principal é a formação do espírito comunitário, o despertar para o outro". Dentro do mesmo espírito podiam ser citadas outras realizações: Clube das Mães, Posto Médico, Campanhas de Saúde, Melhorias dos meios de Comunicação etc. "A libertação trazida por Cristo acontece onde o povo tem o direito de falar, julgar e agir. Essa libertação não exclui nenhuma área ou setor da realidade humana total".<sup>128</sup> Nas comunidades de Jales realizam-se os mais diversos trabalhos comunitários, como sinais de encarnação da fé de todos os participantes, para a "solução dos problemas mais imediatos das comunidades, tais como problemas de escola, estradas, saúde, atendimento a pessoas mais necessitadas, construção de barrações para a comunidade, promoção de atividades recreativas, participação em associação de classe... Todos estes problemas têm ajudado para o crescimento das comunidades. Pessoas simples, sem estudo, mostram sua capacidade e valor nessas atividades. Principalmente os agricultores criaram

---

126. Ver *ibid.*, col. 523 e 521.

127. Ver *ibid.*, col. 465-467.

128. Ver *ibid.*, col. 458, 460.

uma consciência mais firme de sua força, da prática do que aprenderam no evangelho".<sup>129</sup>

Os cristãos das CEBs de Tacaimbó fizeram o relato mais impressionante da pobreza, da situação de miséria, em que vivem. Mas no meio de sua situação de miséria surgiu algo novo. Agora eles têm consciência de sua situação e fazem a experiência da libertação. A análise feita pelos mesmos membros da comunidade da passagem do cativo (a consciência do "antes", que só se autoconscientiza depois) para a libertação (a consciência do "agora") é a expressão maravilhada da experiência da liberdade para a qual foram chamados e conduzidos pela descoberta do Evangelho e pela obediência ao Evangelho. São os próprios membros das CEBs rurais de Tacaimbó os que expressam a sua experiência de libertação e de liberdade nestes termos: "O povo vive massacrado e se acostuma com isso". Diante de tudo isso os pobres se sentem humilhados, não são enxergados a não ser para dar o seu voto aos ricos. Pensando bem a gente vive sem ser considerado". — "O pobre na sua maioria também não tem muita confiança em si nem nos outros pobres. O pobre se acha sempre muito incapaz para muita coisa e coloca sempre a confiança no rico dizendo: 'eu só me encosto numa árvore que dá sombra'. De fato o pobre não tem vez muitas vezes até com os outros pobres. Até que existe pobre que sabe alguma coisa, sabe ler, sabe falar a verdade mas isso não é muito apoiado. Basta um rico ou mesmo um que possui 4 vacas ter o nome de fazendeiro, mesmo que nada saiba, muitos o apóiam e são capazes de elegê-lo até como prefeito. O pobre em si mesmo acha-se tão pequeno que também não vai achar diferente um igual a ele. Se o pobre desse vez a outro pobre a coisa podia mudar. Até aqui não chegou isso e tá duro de chegar. — Os pobres não pensam que podem sair dessa situação em que vivem. Eles não podem pensar em melhora. Só pode pensar em piora até o fim. A própria política o pobre não vê como melhora. Vê somente que é uma ocasião de receber um favor que resolve quase nada. Muitos então não têm esperança e se conformam dizendo: tá bom assim, essa é a nossa parte, o que é que a gente quer mais... Tem pobre ainda que quer viver na miséria. Mas há também alguns que têm esperança de se unindo mudar as coisas. Muitos porém pensam que sem o rico o pobre não passa, mas a gente só não passa sem o poder de Deus. — A maioria dos pobres não sabem nem se dirigir nessa situação, o jeito que encontra é apelar para Deus, mas fica voando sem saber para onde vai. A gente já vê no entanto os pobres se unindo, mas ainda é preciso ver se a união não é só fingimento. Na sociedade local o pobre não tem vez. A sociedade é feita para quem tem prestígio, para quem tem nome, estudo ou

---

129. *Ibid.*, col. 473s.

dinheiro. Os pequenos não cabem aí. A sociedade melhor para o pobre ainda deve aparecer. Será quando um pobre se entender bem com os outros e unidos se associarem um ao outro".<sup>130</sup>

Esta consciência nova e crescente dos seus direitos e de sua opressão modificou também a consciência do lugar dos pobres no âmbito da Igreja:

"Faz pouco tempo também que na Igreja o pobre não tinha lugar. Na Igreja só tinha lugar aqueles poderosos, os mais fortes. O pobre não tinha vez nem pelo menos de falar porque o próprio padre dava um psiu que ele tinha que ficar calado. Aí não tinha lugar em canto nenhum, nem na sociedade nem na Igreja. Toda palestra, toda combinação dos padres era com os ricos. Os pobres não tinham direito. Para um falar com o padre era preciso falar com aquele rico que estava com ele. Devido a inocência do povo ele gostava daquele tempo e achava normal que o padre fosse o maior na Igreja. Mesmo na Igreja então o pobre era sempre rebaixado. A Igreja que conhecemos a (sic) poucos tempos foi a Igreja do padre, o povo não falava, não participava. Não havia muita diferença entre o que o pobre sentia na sociedade e o que sentia na Igreja. A gente ia para a missa mas não compreendia, não sabia o que o padre estava dizendo. Como nós fomos criados naquilo minha mãe dizia: 'não minha filha isso aí são os padres santos' e naquilo fomos criados. Ninguém ia chegar perto de um padre que a gente não estava doido, carão levava de todo tamanho, a gente não sabia ler, não sabia de nada, não sabia o que estava ouvindo, mas todo mês a gente estava na missa".<sup>131</sup>

A descoberta do Evangelho fez surgir nos pobres uma nova consciência, e particularmente uma nova consciência de ser Igreja e do que é a Igreja: uma Igreja onde todos têm os mesmos direitos fundamentais; uma Igreja povo de Deus convocado por Deus sem discriminação nem acepção de pessoas: "Não é só o branco, nem preto, nem rico, não tem qualidade, é para todos que querem seguir o caminho de Deus... onde o pobre tem o direito do rico, o rico para ser da Igreja tem que ficar no mesmo nível do pobre". A Igreja não é mais vista como propriedade do padre, onde o povo ficava mudo e passivo. Eis os sinais da presença do Reino: os que estavam mudos, agora falam, os que eram inválidos agora participam, os que se sentiam rejeitados, marginalizados e tristes, agora se sentem felizes, libertos, "os donos da festa". A festa de Sto. Antônio antes era dos ricos; "agora a festa é de nós pobres, tudo unido, não tem esse negócio de fila, é tudo junto. Agora estamos achando que estamos em outra vida, estamos libertos

---

130. SEDOC, outubro 1976, col. 261s.

131. *Ibid.*, col. 262.

quanto a isso somos todos os donos da festa".<sup>132</sup> Os pobres são "os donos da festa", mas não egoisticamente. A sua alegria é irradiada, comunicada aos outros: Partindo da festa apareceram outras uniões: construir casas para os desabrigados, trabalhar nas roças... "Essa união está se espalhando... Nós esperamos dessa união, desse trabalho uma libertação para nós. Nós estávamos no cativeiro quanto a isso, e hoje eu mesmo me sinto liberta e espero que todos fiquem com essa liberdade".<sup>133</sup>

Os caminhos da libertação dos pobres são longos e perigosos. Mas a experiência da liberdade e da comunhão, a esperança e a fé enraizadas no coração dos pobres pela descoberta do Evangelho são capazes de superar os obstáculos que antes apareciam como insuperáveis: "Quase desconhecido aqui, Manuel de São Benedito teve sua roça invadida com 40 homens mandados por um poderoso do lugar que fizeram a broca. 25 camponeses se encontram na casa do Manuel para fazer um dia de oração. Na hora que começou o encontro, o patrão que invadiu a propriedade, mandou tocar fogo na broca. Esta provocação nos deu coragem para apoiar ainda mais Manuel na sua causa, agora na Justiça".<sup>134</sup>

A comunidade de Sítio Granjeiro, paróquia de Mogeiro (PB), é constituída por camponeses pobres que cultivam seu pequeno sítio no alto da serra. Há quatro anos que eles vêm descobrindo no evangelho que Cristo veio salvar o homem todo e os sinais do Reino vão se tornando visíveis na sua vida cotidiana. O processo, iniciado por incentivo dos padres, foi suscitando o interesse de professoras, rezadores de terço, catequistas. Os meios usados para a descoberta e a prática do evangelho são os meios simples e eficazes de que o povo já se serve: visitas aos vizinhos nas quais se pensa junto, mutirões nos quais os agricultores trabalham juntos, reuniões de reflexão. Nestas reuniões reflete-se, à luz do Evangelho, sobre os problemas dos agricultores, suas causas e suas conseqüências. Ao ser confrontado com os problemas concretos do povo, o Evangelho ilumina com nova luz esses problemas ao mesmo tempo que é descoberto ou redescoberto como Boa-nova de libertação, criador de amizade e comunhão, de confiança e coragem para enfrentar os problemas juntos. Conhecida a realidade, estudadas as leis, parte-se para a transformação dessa realidade pela ação, assumindo a vida da comunidade, "desde ajudas aos necessitados até a preocupação com problemas maiores como 'sindicatos' e 'terras'". O caminho para pôr em prática as

---

132. *Ibid.*, col. 262s.

133. *Ibid.*, col. 263. Sobre a passagem da consciência do "antes" para a consciência do "agora" nas CEBs, ver o estudo de J. B. LIBANIO, *Uma comunidade que se redefine*, em SEDOC, outubro 1976, col. 295-326, esp. 297-306.

134. SEDOC, novembro 1976, col. 570.

exigências de justiça e fraternidade do evangelho é lento, exigente e, às vezes, perigoso; mas para os cristãos da comunidade de Sítio Granjeiro “a pessoa de Cristo é uma presença real e uma forma dinâmica em tudo”, mesmo, ou melhor: sobretudo quando são perseguidos e presos por sua causa, por causa do compromisso incondicional com a construção da paz e da justiça de seu Reino.<sup>135</sup>

A orientação da ação pastoral da Prelazia do Acre e Purus passa, a partir de 1971, das obras assistenciais como hospitais e escolas para uma inserção, através da fundação de CEBs e grupos de evangelização, na realidade que vive o povo pobre e marginalizado. A luz da palavra de Deus o povo toma progressivamente consciência das causas dos desequilíbrios, tensões e injustiças sociais em que vive e a denunciar profeticamente essa situação.<sup>136</sup> O problema mais grave da região é o da terra. Qual é a atitude e a ação da Igreja local do Acre e Purus diante deste problema?

No município de Sena Madureira “a compra de seringais por parte dos investidores do Sul cria inúmeros problemas de terras. Diante das contínuas arbitrariedades, que iam desde a expulsão simples da terra, sem a mínima indenização, até a ameaça de morte ou a queima das casas de posseiros e seringueiros, também não se pode permanecer indiferente. A Igreja realizou intenso trabalho de conscientização distribuindo 400 folhetos mimeografados pelos seringais, contendo os 6 itens básicos do Catecismo da Terra. Para muitos esta orientação veio tranquilizá-los, evitando o abandono puro e ingênuo de suas terras, pelo conhecimento de seus direitos e a cobertura legal do Estatuto da Terra”.<sup>137</sup> As lideranças do sindicato dos trabalhadores rurais, com mais de 800 famílias, saíram de seio da comunidade de Sena Madureira.<sup>138</sup> Os mesmos pobres da comunidade são os anunciadores da Boa-nova do Reino: “inúmeros grupos de evangelização surgem nos seringais, barrancos dos rios, junto à escolas comunitárias e dentro da própria cidade. Além da equipe de coordenação, uns 30 monitores coor-

---

135. Ver *ibid.*, col. 478ss. Eis dois exemplos da seriedade deste compromisso e de suas conseqüências: “A atitude consciente dos grupos de evangelização diante destes dois problemas (sindicatos e terras), baseada na fé e na vivência do Evangelho, são atitudes políticas que entram em choque com os poderes dominantes, assim como com os donos de terra, prefeitos, delegados e presidentes de sindicato. Chegou ao ponto de alguns agricultores da comunidade serem presos pela Polícia Federal por causa de sua atuação num problema de terra. Diante da Polícia Federal falaram claramente sobre a problemática que sofre o homem do campo e deram testemunho de fé e coragem” (*Ibid.*, col. 481). Quando cinco pessoas da comunidade foram presas pela Polícia Federal, os trabalhadores continuaram com mais fervor” (*Ibid.*, col. 479).

136. Ver Dom Moacyr GRECCHI, *Comunidade de Fé e Homem Novo...*

137. *Ibid.* p. 908.

138. Ver “Trabalho da Igreja Acre-Puruense em suas comunidades nos anos de 1974 e 1975” (mimeo).

denam mais de 30 grupos de evangelização desta comunidade".<sup>139</sup> Para debater o mesmo problema fundamental das terras os coordenadores e lideranças da Comunidade de Basileia visitaram as quase 300 famílias da paróquia fazendo o levantamento da situação sócio-econômico-religiosa. As lideranças encontraram-se com agentes do INCRA e elaboraram um projeto de Catecismo da Terra.<sup>140</sup>

A posição da Igreja do Acre e Purus não é sectária nem, muito menos ainda, subversiva. É perfeitamente legal e procura ser o mais puramente evangélica.<sup>141</sup> O Evangelho só pode ser "ouvido" e "obedecido" em situações concretas. A força do Evangelho: da ação evangelizadora e da aceitação do Evangelho pela fé, é sempre libertadora, criadora de justiça e de comunhão. Onde não atua esta força de libertação e de comunhão, é porque o Evangelho não foi anunciado nem acolhido como a Boa-nova de Jesus Cristo. A Igreja local do Acre e Purus tem que preocupar-se, por fidelidade ao Evangelho, com os problemas concretos mais importantes do povo da região para buscar a sua solução com a colaboração de todos os interessados. E os mais interessados são de fato os pobres: os pequenos agricultores, os posseiros, os seringueiros, que sofrem na própria carne as injustiças.

O fato de que pobres desprezados e oprimidos como eram os cristãos das atuais comunidades rurais de Barreirinhas, cheguem pela descoberta e pela vivência do Evangelho em suas vidas e pela união entre elas a derrubar as estruturas do comércio e da política que os vinham oprimindo durante gerações e surjam no seio dessas comunidades novos líderes como pregadores, catequistas, apóstolos etc., o que são esses fatos senão a Boa-nova da libertação tornada realidade para eles? A passagem de uma forma de vida marcada

---

139. Ver M. GRECCHI, *art. cit.*, p. 912. Ver também no Boletín *Nós Irmãos da Igreja do Acre e Purus*, junho 1975, p. 11, a entrevista com o Sr. Antônio dos Anjos, um pobre de 68 anos que, depois de descobrir a Boa-nova, vive anunciando-a e realizando-a entre os pobres e abandonados, indo ao seu encontro pelos rios, estradas e caminhos.

140. Ver *loc. cit.* na nota 138. O problema mais grave da região é o da terra. Mas não é o único. Há outros também importantes que exigem a ação dos cristãos das comunidades. Na Comunidade da Estação Experimental, por exemplo, os líderes da Comunidade mobilizaram 200 homens que pressionaram fortemente órgãos públicos no sentido de solucionar o problema da água que atinge umas 600 famílias (Ver *ibid.*).

141. A Igreja tem uma posição perfeitamente definida com relação aos posseiros e investidores, fundamentada na lei em vigor, a partir da qual procura servir o povo mais desprotegido orientando-o, por exemplo, através de diversos "catecismos" (Catecismo da Terra, Catecismo da Ação Política do Cristão, Catecismo de Orientação Social e Promoção Humana etc.). Ver em M. GRECCHI, *art. cit.*, p. 916s, os pontos que resumem a orientação da Igreja do Acre e Purus no que diz respeito aos posseiros e investidores.

pelo individualismo, a divisão, a passividade e a irresponsabilidade, para uma nova forma de vida de comunhão, de colaboração, de serviço aos outros na alegria, é descrita no relatório nos seguintes termos:

Outrora, os povoados conheciam a passividade, o individualismo, as brigas, as festas marcadas pela embriaguez e pelos homicídios, os lares desolados pela infidelidade, o abandono das crianças etc. Hoje, muitas CEBs criaram uma nova maneira de viver onde dominam: um ardor intenso de saber, a oração e a relação com Deus, a atenção para com os doentes, a valorização da vida moral, o espírito de trabalho, o costume de planejar e executar obras em comum, a organização dos esportes e dos lazeres, a alegria geral (sem recorrer à cachaça), o amor mútuo profundo, manifestado tantas vezes pelo perdão das ofensas e pelas reconciliações públicas, a penitência com confissões públicas de seus pecados, a firmeza das atitudes face às ameaças de fora, a superação da politicagem, a solicitude para com as CEBs vizinhas etc. etc.”<sup>142</sup>

##### 5. *Libertação histórica e plenitude do Reino*

O que são esses fatos senão a realização das promessas das bem-aventuranças e da realidade do Reino de Deus, na medida em que pode já realizar-se na história? Sua plenitude escatológica será feita de todos estes gestos de amor cristão que a graça de Deus transformará definitivamente na nova criação.

Na nova terra que Deus prepara como plenitude do Reino — afirma a Constituição Pastoral *Gaudium et spes* do Concílio Vaticano II —, “permanecerão o amor e suas obras. O que foi semeado na fraqueza e na corrupção revestir-se-á de incorrupção”. O que desaparecerá será “a escravidão da criação à vaidade” (GS 39, 1).<sup>143</sup> A relevância da luta, na forma de entrega e de serviço aos irmãos, para a realização da plenitude do Reino de Deus é expressada pelo Concílio um pouco mais adiante nestes termos: “Os bens da dignidade humana, da comunhão fraterna e da liberdade, todos estes bons frutos da natureza e do nosso trabalho, depois de os havermos propagado na terra no Espírito do Senhor e de acordo com o seu mandato, nós os encontraremos novamente, limpos contudo de toda impureza, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar o Reino ao Pai” (GS 39, 3).

Julgamos conveniente deter-nos um pouco mais neste ponto, de importância fundamental para a espiritualidade, isto é, para a forma concreta da vivência cristã das CEBs. Em primeiro lugar, como nos diz o Concílio, “é necessário distinguir cuidadosamente progresso temporal e crescimento do Reino de Cristo” (GS 39, 2).

142. SEDOC, novembro 1976, col. 533.

143. O Concílio remete, nas notas, a 1 Cor 13,8; 3,14; 15,42.53.

O Reino de Deus transcende a história no sentido de que é dom de Deus que vem do alto; e quando ele vier na sua plenitude, trará consigo o fim da história. O fato de ignorarmos o quando e o como da transformação e da consumação do mundo (ver GS 39, 1; At 1, 7) no novo céu e na nova terra que serão a morada definitiva e plena da comunhão dos homens com Deus e dos homens entre si, este fato é já uma prova de que a vinda da plenitude do Reino de Deus não está nas mãos dos homens, mas é dom de Deus. Ainda mais: a plenitude de "vida", de "santidade", de "graça", de "justiça", de "amor" e de "paz" (entendendo estes conceitos em toda sua riqueza bíblica) da "nova terra" superarão todas as aspirações do coração humano (ver GS 39, 1.3; 41, 1).

A transcendência do Reino não significa, porém, que a história humana seja insignificante ou indiferente para sua plenitude. O Reino de Deus não é um mundo futuro totalmente desvinculado do mundo em que vivem e lutam os homens de hoje, de suas vitórias e de suas derrotas. A história da salvação que desembocará na plenitude do Reino realiza-se, isto é, torna-se realidade, dentro da história humana e não à margem dela. O Reino de Deus vai se realizando pelo trabalho da graça de Deus que atua já no coração dos homens e no coração do mundo. O anúncio da Boa-nova do Reino de Deus, cujos destinatários privilegiados são os pobres, faz nascer no coração daqueles que a acolhem com fé, uma *esperança* que, em perpétua tensão escatológica, se traduz em obras de *caridade*, em comprometimento incansável com todas as formas de serviço que se situem na linha das promessas-realidades de justiça, de paz, de libertação do Reino de Deus. Os cristãos das CEBs não estão evidentemente preocupados com a formulação e solução teóricas do problema (teologicamente tão importante quanto difícil) da relação entre esperanças terrestres e esperança escatológica. Resolvem-no na sua existência concreta vivendo uma "fé que opera pela caridade" (Gál 5, 6). Participando das "alegrias e esperanças", dos "sofrimentos e angústias" de todos os homens, particularmente dos seus irmãos mais pobres, os cristãos das CEBs conservam ao mesmo tempo a fé e a esperança no amor total e absolutamente gratuito de Deus e a fidelidade às tarefas exigidas pelo amor evangélico que é serviço. Eles superam assim o dualismo entre "vida religiosa" e "vida profana", nefasto dualismo que destrói tanto a vida de fé dos que se dizem cristãos como a credibilidade dessa fé diante dos não-cristãos, e que por isso foi tão insistente e vigorosamente condenado pelo Concílio.<sup>144</sup>

---

144. Ver GS 43.1. Para um maior aprofundamento deste tema pode ver-se A. BARREIRO, *Superação do dualismo entre fé e engajamento à luz da Constituição Pastoral "Gaudium et spes"*, em *A Esperança da Juventude é a Esperança da Igreja?*, São Paulo 1976, pp. 81-96.

O que foi feito da Boa-nova da libertação proclamada aos pobres por Jesus?, perguntávamos no início desta quarta parte. A esperança dos pobres não será confundida. Ela está agora, sim, atravessada pela tensão escatológica introduzida no desígnio salvífico de Deus pela morte e pela ressurreição de Jesus o Messias. O Reino de Deus, que irrompeu de forma irreversivelmente vitoriosa na vida, na morte e na ressurreição de Jesus, será agora, até a parusia, um "regnum cruce tectum", como dizia Lutero; mas continua presente e atuante na história. Não sabemos quando se manifestará a sua plenitude. Mas sabemos que sua verdade, sua justiça, sua liberdade vão se tornando realidade na medida em que são defendidos e respeitados efetivamente os direitos dos pobres e dos fracos contra os ricos e os poderosos, na medida em que estes são eficazmente impedidos de oprimir aqueles. Anunciar o Evangelho aos pobres é despertar neles a fé e a esperança na justiça do Reino. Quando os "encurvados" pela opressão ouvem a Boa-nova do Reino como uma proclamação da libertação fundada na justiça e na misericórdia de Deus para com eles e a acolhem na fé e na esperança, esta Boa-nova torna-se neles uma força, um fermento que os vai libertando de fato e estendendo o processo de libertação.

## V. AS CEBs EVANGELIZAM A IGREJA

No meio desse imenso povo de pobres em que estão inseridas as CEBs, está nascendo, pela força do Espírito, uma Igreja em que os pobres são, ao mesmo tempo, evangelizados e evangelizadores, destinatários e portadores privilegiados da Boa-nova do Reino de Deus. Dentro do imenso povo messiânico, as CEBs são um dos lugares onde se respira mais fundo e mais puro ar, absolutamente vital para a Igreja, da esperança na justiça e na misericórdia do Reino de Deus. Não uma esperança morna e alienante, mas a dura esperança dos pobres.<sup>145</sup> Habitadas por esta "esperança contra toda esperança", as CEBs tentam viver exigentemente, nas condições extremamente difíceis do seu meio, a Boa-nova que acolheram,

---

145. Não resistimos à tentação de transcrever aqui duas citações de um grande profeta da esperança cristã, que sempre saiu em defesa das "crianças humilhadas": "Le monde moderne n'a pas le temps d'espérer, ni d'aimer ni de rêver. Ce sont les pauvres gens qui espèrent à sa place, exactement comme les saint aiment et expient pour nous" (G. BERNANOS, *Les enfants humiliés*, Paris 1949, p. 251). Justamente porque "o mundo moderno não tem tempo para esperar", a esperança do mundo repousa sobre os pobres: "Je dis que les pauvres sauveront le monde, et ils le sauveront sans le vouloir, ils le sauveront malgré eux, ils ne demanderont rien en échange, faute de savoir le prix du service qu'ils auront rendu, ils font cette colossale affaire, et ils n'en retireront naturellement pas un liard" (*Ibid.*, p. 249).

celebram-na jubilosamente no culto e a proclamam corajosamente aos que ainda não a ouviram.

“Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma... Ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar frescura, alento e força para anunciar o Evangelho” (EN, 15). Acreditamos que as CEBs, na sua pobreza e simplicidade, generosidade e coragem evangélicas, constituem um verdadeiro *kairós*, um autêntico tempo de graça, para esta evangelização da Igreja de que fala Paulo VI. Quando entramos em contato com os cristãos pobres das CEBs com um mínimo de inquietude e sinceridade evangélicas, “nossas falsas seguranças e nossas ilusões se desfazem como neve ao sol; a existência gloriosa e bastante vã que nós construiremos, aparece-nos como retórica e falsa. Vê-se que não sabíamos nada: éramos vazios, nem sequer poderíamos passar por aprendizes”.<sup>146</sup>

Uma Igreja que não evangelizasse os pobres e que não fosse evangelizada pelos pobres, poderia ser respeitada pela burguesia, “estabelecer-se”, ter “prestígio” e “influência” na sociedade; mas não seria a Igreja de Jesus Cristo. Comunidades inquietamente habitadas e dinamizadas pela esperança messiânica, têm como uma de suas funções carismáticas a incômoda e sempre necessária tarefa de “sub-verter” a acomodação, o “status quo”, na sociedade e na Igreja; também na Igreja porque ela é ao mesmo tempo, embora, teologicamente, não no mesmo grau, “povo santo e pecador”.<sup>147</sup> Os pobres das CEBs, como indigentes que são, não estão presos às ideologias da “ordem estabelecida”, nem a “doutrinas” e “tradições” vazias. Inseridos na realidade, eles apontam caminhos novos para a sua Igreja, desinstalando-a de suas rotinas, conduzindo-a a sintonizar melhor com a lógica do Evangelho.<sup>148</sup>

A grande revelação do Evangelho de Jesus Cristo, a novidade radical da Boa-nova que Ele traz, está no seu amor de predileção pelos pobres e pelos pecadores. Confrontadas com as CEBs do interior e das periferias das cidades, as Igrejas locais, as Igrejas particulares e a Igreja universal são questionadas e convidadas para a conversão ao que constitui o coração mesmo do ministério e do mistério de Jesus. A Igreja, comunidade do Messias, tem que seguir o caminho do seu Senhor: buscar o serviço e não a dominação; um serviço dirigido, em primeiro lugar, por pura graça, aos pobres e aos pecadores; um serviço nascido do amor, urgido pelo amor,

---

146. Y. CONGAR, *Balizas de uma reflexão sobre o mistério dos pobres*, em P. GAUTHIER, *O Concílio e a Igreja dos Pobres*, Petrópolis 1967, pp. 269-287, 271.

147. Oração Eucarística V.

148. Ver SEDOC, maio 1975, col. 1102.

e que, precisamente por isto, é libertador. Este amor solidário que se faz serviço aos pobres oprimidos, conduzirá infalivelmente a Igreja pelo caminho do seu Senhor: a pobreza e a perseguição. No amor por todos aqueles que o "mundo" despreza, marginaliza e rejeita revela-se o amor-*agápe* do Pai. Essa revelação tem que continuar na Igreja para que ela seja, na fidelidade a Deus e aos homens, cada vez mais transparentemente *sacramento*, isto é, "sinal" visível, veraz, eficaz, desse amor universal e salvífico de Deus pelos homens.

As CEBs estão demonstrando com fatos o que, desde o começo do Cristianismo, foi afirmado por Paulo com um vigor insuperável e confirmado uma e outra vez ao longo da história da Igreja: a força do Evangelho, o poder salvador de Deus, manifesta-se na pobreza e fraqueza dos homens. É isto o que está acontecendo entre os cristãos de milhares e milhares de CEBs espalhadas por todo o Brasil: ao descobrir ou redescobrir o Evangelho como a Boa-nova da justiça e da misericórdia de Deus, descobrem ou redescobrem a liberdade, a generosidade e a alegria da fraternidade cristã;<sup>149</sup> a força da comunhão na fé, na esperança e no amor, que é o que lhes dá coragem e perseverança na sua árdua luta contra as formas de opressão que humilham sua dignidade de filhos de Deus. "Pela primeira vez, depois de séculos, há na Igreja um movimento que toma a sério os homens e mulheres pobres, sem poder e sem cultura, ou antes, que só têm a cultura e o poder dos pobres. Se a caridade e sua linguagem devem surgir de algum lado, não será dessas comunidades de base?"<sup>150</sup> Não será confiando nos meios do "poder", da "política" ou de um *aggiornamento* "tecnocrático", que a Igreja será fiel à sua missão de anunciar o Evangelho. Todos estes meios acabam sufocando o Espírito, o dador do espírito evangélico, caracterizado pela confiança nos meios fracos e débeis. Só nesta fidelidade ao Espírito que ungiu e enviou o Messias para evangelizar os pobres, poderá a Igreja dar testemunho diante dos homens da Boa-nova de que é portadora e servidora por encargo do seu Senhor.

---

149. Em muitas CEBs repete-se de novo o que Paulo escrevia aos coríntios sobre as Igrejas da Macedônia: "Também quero irmãos fazer-vos conhecer a graça de Deus dada às Igrejas da Macedônia: provadas que foram por grande tribulação, abundou a alegria, e a sua extrema pobreza converteu-se em riqueza de sua generosidade" (2 Cor 8,1-2).

150. J. COMBLIN, *art. cit.*, p. 465.